

“Posso dizer que são poucos os livros que tenham tido um início de saga tão bom como este.”

— **Leituras do Fiacha O Corvo Negro** —

<http://leiturasdofiachaocorvonegro.blogspot.pt>

“Um livro arrebatador, para todos os que adoram fantasia.”

— **Buczov Alexandria** —

<http://bryseyas-ordemdavis.blogspot.pt>

“A leitura é muito agradável... criando o suspense e o entusiasmo em cada virar de página.”

— **Folhas do Mundo** —

<http://folhasdomundo.blogspot.pt>

“Oh Meu Deus, que personagens!”

— **Páginas Encadernadas** —

<http://p-encadernadas.blogspot.pt>

“Fiquei bastante surpresa com a escrita de Nuno Ferreira,  
deliciosamente surpresa.”

— **Eu e o Bam** —

<http://eu-e-o-bam.blogspot.pt>

“Uma leitura bastante agradável e que se tornou viciante  
à medida que ia avançando.”

— **O Prazer das Coisas** —

<http://o-prazer-das-coisas.blogspot.pt>

“Primeiro estranha-se e depois entranha-se.”

— **Voyage** —

<http://paginasdeviagem.blogspot.pt>

NUNO FERREIRA

Histórias Vermelhas de Zallar

Volume I

# Espada que Sangra



**Editorial Divergência**

Dezembro de 2025

# FICHA TÉCNICA

**Título:** Espada que Sangra

**Autor:** Nuno Ferreira

**Coordenação editorial:** Pedro Cipriano

**Revisão:** Mário de Seabra Coelho e António F. Vicente

**Artista de capa:** Ana Filipa Vicente

**Composição:** João Bento

**ISBN:** 978-989-9331-00-6

**Este livro foi composto pelos tipos:**

Palatino Linotype e Century Schoolbook

©2025 Grupo Editorial Divergência

©2025 Nuno Ferreira

©2025 Ana Filipa Vicente

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

**Grupo Editorial Divergência**

Centro de Negócios de Ansião

Parque Empresarial do Camporês

3240 465 Chão de Couce

Portugal

**Website:** <https://divergenciapt/>

**E-mail:** [geral@trebarunapt](mailto:geral@trebarunapt)

**Telefone:** 962 083 369

O Grupo Editorial Divergência e a Editorial Divergência são marcas da DNL Convergência, Lda.

Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.



Financiado pela  
União Europeia  
NextGenerationEU

# LISTA DE PERSONAGENS

## Hyldegard

### No Palácio de Alabastro

- *Lazard Ezzila*, A Fortaleza Humana, rainha de Hyldegard;
- *Riotto Amarion*, o lorde camareiro, seu marido;
- *Skygga*, o dentes-de-sabre doméstico da rainha;
- Natonios, um escravo;
- *Robett Wyll*, um mensageiro hurkk;
- *Selenya*, a mais jovem aia da rainha;
- *Hzora*, o príncipe surdo e mudo, tocador de harpa;
- *Melyna*, uma aia;
- *Markkos*, um tratador de animais;
- *Mysee Tazz*, um ajudante de palafrenero, irmão de Mysee Tyttertop.

### A Sociedade Sem Voz

- *Lynkos*, um relojoeiro;
- *Sentyr*, um arlequim;
- *Anis Caiffat*, um curandeiro, delfim da Sociedade.

## Na Cidade

- *Spiali Vielle*, um mercador;
- *Chester*, o vizinho de Spialli Vielle;
- *Roddy Ssamuel*, Chefe da Guarda da cidade e comandante das corporações de patrulheiros;
- *Vasillar Morgh*, um investigador secreto;
- *Lee Peet*, um fabricante de flechas, pai de Lee Aymer;
- *Mysee Homs*, um agricultor hyldegardiano, tio de Tytterttop e Tazz.

## Personagens Históricas

- *Allan II*, um rei hyldegardiano;
- *Lazard Anton*, primeiro rei da dinastia Lazard;
- *Lazard Rog*, pai de Lazard Ezzila, exilado de Hyldegard;
- *Maskean Joel II*, um rei deposto;
- *Maskean Domeros II*, um rei Maskean;
- *Maskean Omeros*, rei que inventou o jogo Omera;
- *Dayyon Yahya*, rei namantisquano, morto por Lazard Anton em batalha;
- *Hengeld*, um Rei Clérigo, antigo rei de Hyldegard;
- *Corvall*, um pintor.

# Welçatiah

## Na Corte Ameril

- *Ameril Hymadher*, O Raio Primavera, rei de Welçatiah;
- *Hamsha*, a consorte do rei, uma antiga escrava;
- *Ameril Goròn*, o aleck e irmão do rei;
- *Berínia Amara*, uma matrona, viúva de um tio do rei;
- *Cliw Barahoon*, o príncipe de Hamm;
- *Kirb Samuel*, um aristocrata;
- *Trull Hower*, um aristocrata;
- *Kamber Bill*, um aristocrata;
- *Hollon-Tamis Tim*, um aristocrata.

## O Conselho

- *Fel Manny*, o primeiro chanceler;
- *Vax Mohill*, um conselheiro;
- *Agnim Wilfred-Hunther*, um conselheiro;
- *Joh Cary*, um conselheiro;
- *Alvar Jusè*, um conselheiro.

## A Guarda Ameriliana

- *Hordy Mool*, o braço-de-ouro da Guarda Ameriliana;
- *Zamora Dane*, o braço-de-prata da Guarda Ameriliana;
- *Tary "Olho Verde" Verdel*, um membro da Guarda Ameriliana;
- *Chat*, um membro da Guarda Ameriliana;
- *Colun*, um membro da Guarda Ameriliana.

## Membros do Exército

- *Welder Uw-Abblard*, um cadete do exército;
- *Ramez Rift*, um soldado da muralha;
- *Con Tellear*, um *Olho de Welçantiah*, capitão da guarda na muralha;
- *Thamm Tolley*, um lanceiro, filho de Thamm Hednar;
- *Thamm Hednar*, o mestre de lanças.

## Outros

- *Akratall Adilar*, um mensageiro el'ak, vindo de Torre das Harpas;
- *Hlazaral Les*, um traficante;
- *Stelbun Odd-Mai*, o deel, supervisor de escravos;
- *Wayn Calttor*, um antigo militar, seguidor de Monroy Aggert;
- *Monroy Aggert*, um antigo braço-de-prata que renunciou à Coroa;
- *Sunningham Kermil*, um antigo militar;
- *Eldane Kyuw*, um antigo militar;
- *Elenonoros*, um porta-estandarte;
- *Art Wynor*, uma identidade falsa;
- *Caçador*, o cavalo do rei;
- *Ponce Ayllon*, um antigo militar;
- *Jatt Mendez*, um jovem companheiro de viagem;
- *Kolt Prence-Milt*, um espião de Torre das Harpas;
- *Fro Carmez*, sumo-sacerdote do Templo de Misera;
- *Jemian*, um aprendiz de Fel Manny;
- *Cosiar*, um aprendiz de Fel Manny;
- *Targuy*, um homem enigmático.

## Mortos / Desaparecidos

- *Ameril Ozilliar III*, antigo rei de Welçantiah, pai de Hy-madher e Goròn;
- *Jurjo Margitt*, consorte de Ameril Ozilliar, mãe de Hyma-dher e Goròn;
- *Chestyr Worrena*, um antigo braço-de-ouro da Guarda Ameriliana;
- *Mayra*, antiga protegida do rei Ozilliar;
- *Perry Lam*, O Boca Negra, antigo mestre de campo welçantiano;
- *Rizzo Pawrell*, um tenente-mor welçantiano;
- *Alvez Sawn*, um antigo escudeiro;
- *Cliw Bowan*, pai de Cliw Barahoon;
- *Ameril Jaapi*, irmão de Ameril Ozilliar III;
- *Ameril Eywar*, irmão de Ameril Ozilliar III e esposo de Berínia Amara;
- *An*, antiga esposa de Fel Manny;
- *Fel Kelly*, irmão de Fel Manny;
- *Leyper Helder*, antigo braço-de-prata da Guarda Ameriliana;
- *Lori Lewyer*, um antigo guarda welçantiano;
- *Jygrat Lerosa*, um antigo tesoureiro welçantiano;
- *Owenn Teylan*, welçantiano assassinado por Goròn;
- *Leote Samuel*, welçantiano assassinado por Goròn;
- *Helber Haris*, welçantiano assassinado por Goròn;
- *Wayn Cammar*, O Indomável, um marinheiro welçantiano;
- *Obei*, O Olho de Vidro, um corsário;
- *Varell*, um capitão welçantiano;
- *Hok*, O Lenhador, pai de Mendez;
- *Liskar*, dono de um bazar em Welçantiah;
- *Yatä*, uma escrava.

## Personagens Históricas

- *Anoris*, o primeiro rei humano de Terra Parda;
- *Eurinnel*, esposa de Josei I, irmã de Eunei, a primeira rainha humana;
- *Eunei*, primeira rainha humana, esposa de Anoris;
- *Josei I*, filho de Eunei e Anoris, esposo da tia, Eurinnel;
- *Snitt-Woles*, um antigo general welçantiano;
- *Suárez*, o braço-direito de Snitt-Woles;
- *Wennerth Owenn*, um Rei Clérigo, antigo rei de Welçantiah;
- *Ignasta, filha de Owenn*, responsável por despoletar a Segunda Guerra Rubra;
- *Ameril Gedwinn*, O Rei Pastor, o primeiro rei da dinastia Ameril;
- *Ameril Kilder I*, antigo rei de Welçantiah, que mandou edificar o aqueduto;
- *Ameril Kilder III*, antigo rei de Welçantiah, a quem foi oferecida a Venerável Syspren;
- *Torw Orn*, último rei da dinastia Torw, morto por Gedwinn;
- *Torw Reddix*, primeiro rei da dinastia Torw;
- *Erry Zermin*, antigo regente interino de Welçantiah;
- *Seaman Aggert*, antigo regente interino de Welçantiah;
- *Donovan Gordy*, antigo regente interino de Welçantiah;
- *Roke Ambersio*, antigo rei de Welçantiah, que mandou edificar a arena;
- *Roke Art*, antigo rei de Welçantiah;
- *Alexos Vega II*, antigo rei de Welçantiah;
- *Gane Pail*, general de Owenn.

## PRÓLOGO

*Sudeste de Terra Parda  
Primavera de 1297*

**S**ão loucos aqueles que pensam que as espadas não sangram, disse a si próprio o homem que os tribais chamavam Moloro, de pernas cruzadas na areia fina do deserto. O ar nocturno estava carregado com o fumo dos cachimbos. Os nómadas desenrolavam oferendas de toda a sorte, desde rolos de seda de Tool ao mais requintado samito proveniente de Manticora e Misera. Um indígena de olhos muito brilhantes aproximou-se com uma rapariga, cujos cotovelos terminavam em cotos. Era pouco mais do que uma menina e o sujeito puxava-a por uma corrente ao pescoço.

— Uma mareana, afectuoso Moloro — disse o indígena num terrapardiano entaramelado. — Diz que foi escrava de cama do próprio sátrapa. Encontrei-a na foz do Jaguar, perdida e sozinha, e julgo que lhe será de grande serventia.

Moloro sentiu dificuldades em ocultar a gargalhada. De pé atrás de si, o seu lacaio não se reservou a tal agravo. Vestiam-se de seda vermelha mosqueada, cobertos por longos capuzes e lenços do mesmo tecido e cor, com fímbrias douradas nas extremidades.

— De que me servirá uma escrava sem mãos, Quarzatek? Sentiu o homem a ofender-se quando o viu passar com as mãos pela barba amarelecida, pensativo.

— Mulheres fazem maravilhas sem mãos, amigo. Os deuses sabem que sim.

*Quais deuses?, quis Moloro perguntar. Os teus ou os meus?*

— Os deuses ganham demasiado crédito por aquilo que os homens fazem. — Fez uma pausa. — No entanto, agradeço a sua oferta, Quarzatek. A rapariga terá utilidade.

O indígena pareceu agradado e deixou a rapariga com um dos homens responsáveis pelas acomodações de Moloro, afastando-se na direcção da fogueira. O acampamento parecia esvaziar à medida que as doações avançavam. O colector permaneceu de pernas cruzadas, enquanto o seu lacaio lançava baforadas de fumo atrás de si.

— Está a ficar tarde — disse ele.

Moloro limitou-se a um nutar de cabeça. Contemplou os rostos alinhados à sua volta. Sabia que aqueles eram homens e mulheres de coragem, sobreviventes da peste e das escaramuças das estepes nórdicas. Eram indígenas, mas muitos deles descendiam de refugiados do norte das Terras Quentes, a sul, e do sul das Cordilheiras Bravas, a norte. Algo intrinsecamente selvagem estava crivado nos seus olhos felinos.

Uma mulher completamente nua, com excepção da capa em pele de leão que lhe cobria os ombros, aproximou-se com uma ostentação hostil no rosto cheio de pústulas. O queixo era pontudo como a ponta de uma flecha.

— Muito vos agradecemos pelos préstimos concedidos, senhor — disse com uma voz estrídula. — Ao fornecer-nos armamento, salvou as nossas vidas e as dos nossos filhos. Ainda assim, não gostaríamos de ser vistos na vossa companhia.

O pedido não podia ser mais explícito. Moloro sorriu-lhe com a jovialidade habitual e acariciou o queixo.

— A vossa descortesia impressiona-me, senhora. Não vos preocupeis, quando chegardes à vossa tenda e encontrardes o vosso esposo a fornicar com o criado, eu já estarei longe daqui.

Uma sombra de ultraje perpassou pelo rosto da mulher, mas uma tempestade de gargalhadas vogou à sua volta e ela virou-lhes as costas abruptamente.

— Recolhe as oferendas e deixa-lhes um pouco de ouro — disse num sussurro ao seu laçao. — Algumas zallarís de ouro e esquecerão as nossas caras. Assim espero.

Separaram-se no meio do deserto, quando o velho índio Kitach mordeu a coroa welçantiana que Moloro lhe atirara para as mãos. Quando lhe virou costas, dirigiu-se aos camelos a abarrotar de oferendas. Entre elas, a rapariga sem mãos. O seu homem importunava-a com gracejos.

*Houve tanto que ganhámos com a guerra, pensou Moloro. Mesmo com as derrotas, Welçantiah engordou. Refugiados de Sonnor e Lopp cruzaram-se com os puro sangue welçantianos, aumentando as nossas fileiras. Depois, quando Ozilliar conquistou todas as Terras Quentes, chamaram-lhe de homem bom. Mas eu sei quem ele era e como jogou com o facto de as pessoas não serem capazes de se reerguer com a mesma facilidade com que reerguiam as muralhas. O derramar de sangue é sempre difícil de esquecer. As feridas da alma lambem-se com as línguas do tempo.*

— Aqui estamos nós — ladrou o subordinado com frivolidade. — No coração dos desertos, onde os homens morrem.

— Os homens morrem em todo o santo lugar — disse Moloro, com uma voz sumida, quase sibilante.

— Sim. A maioria, no entanto, prefere morrer longe daqui.

Há males escondidos nos desertos que ninguém quer conhecer. Criaturas repugnantes, peganhentas como intrigas.

Moloro encolheu levemente os ombros, enquanto se bamboleava na sela de um camelo velho e macilento. A antiga cidade mercante de Lopp era um amontoado de pedras e ruínas sobre a areia branca e fria do deserto. Cruzaram uma velha arcada de pedra, dos poucos monumentos que haviam resistido ao fim daquela civilização, e o camelo deu por fim de si, flectindo as patas de modo a que os passageiros pudessem descer em segurança. Desceu primeiro Moloro, depois a rapariga sem mãos. Observou-a de perfil, estudando-lhe os detalhes. Tinha traços pueris e um olhar assustado.

O homem que os seguia trocou um aceno de cabeça com Moloro e desceu do seu camelo, ao que interpelou a rapariga com um suave empurrão.

— Amante de um sátrapa, hein? Quantas mentiras contaste àquele monte de merda?

A jovem olhou-o com terror, mas não lhe deu resposta. Limitou-se a estremecer. *Hermética, doce e apetecível*, pensou Moloro.

Servirá.

As ruínas de Lopp eram o mais seguro local de encontro para operações de espionagem, camuflado sob o disfarce de um ermo assombrado, habitado por leprosos ostracizados, indígenas e foras-da-lei. Àquela hora da noite, os homens com quem se iria encontrar seriam por ventura mais perigosos que todos esses presumíveis e inoportunos residentes. Moloro voltou o olhar para uma velha torre, expectante. Coroada por uma imponente agulha de ferro, o que restava das paredes de pedra e tijolo amarelo da Torre do Mistério erguia-se a noroeste do destroço cinza-escuro que fora um dia o Palácio das Especiarias, um tesouro perdido fundado na primeira metade do século V.

O vento soprava forte das montanhas setentrionais, levantando cortinas de areia fina e branca na sua direcção. Um borrão de névoa sem humidade pairava no ar, ressequindo-lhe a garganta. Moloro lançou um olhar fugaz ao camelo que deixara para trás, amarrado a uma grade meio partida de madeira podre. *Hoje é o dia*, pensou.

— Se eu não regressar, sabes o que tens a fazer.

— Você vai regressar — disse o seu lacaio. — É demasiado filho da mãe para que as gralhas-de-sangue lhe caguem em cima.

Moloro assentiu pensativamente.

— Se eu não regressar, que as gralhas-de-sangue me biquem — respondeu num rumor cansado, antes de se afastar a pé com uma lamparina numa mão e a corrente que segurava a escrava pelo pescoço na outra.

# UM

*Hyldegard  
Primavera de 1297*

**S**KYGGA, o imponente tigre-dentes-de-sabre da rainha, movia-se de um lado para o outro quando Riotto Amarion fez uma visita inesperada aos aposentos reais, tentando surpreender Lazard Ezzila, a sua esposa.

— Um par de hurkk acabou de chegar ao palácio, minha querida — começou por dizer, pouco entusiasmado.

— Outra mensagem de Wilhelm? — perguntou a rainha com aparente desinteresse, enquanto retocava as pestanas. — Obeim precisa de mantimentos, presumo. Dizei-lhes que estamos com problemas de disenteria. Não tenho tempo a perder com mais idiotas pálidos.

Notou uma presença atrás de Amarion; era Natonios, um escravo de tonalidade trigueira, velho e descarnado. Por precaução, mantinha-se afastado do tigre, o que não era despropositado. Skygga era um tudo-nada mais alto do que a sua cintura e ele era um homem grande. Já o animal era uma fêmea belíssima, com pêlo da cor do fogo e um par de proeminentes incisivos arqueados para fora da boca.

A profundidade no tom de voz da rainha silenciara o esposo por mais do que alguns segundos, o que a satisfez. Debruçou-se sobre uma cómoda, em cujo espelho finamente trabalhado a prata estudava os pormenores lânguidos do seu reflexo.

Os traços do rosto denunciavam a maturidade de quarenta e quatro invernos marcados pela doença, sem ocultar uma beleza a que o linho simples da camisa de noite não fazia justiça. O olhar, porém, frio e penetrante, escravizava quem os fixasse. Chamavam aos seus olhos azul-celestes de Garras Gélidas.

Com um brilho cínico no olhar, Amarión cofiou o bigode retorcido que se lhe derramava pelos cantos dos lábios chupados.

— Minha querida, se me permite...

Foi quando os fitou que se perguntou se a ansiedade de Natónios devia-se unicamente a Skygga. Era um homem letrado e conhecedor das leis, não obstante a sua condição inferior, um escriba que se mantinha a par dos segredos do estado e um amigo em quem confiava. O escravo servia-a há mais de dez anos, era um homem de temperamento brando... e nunca o vira tão agitado. Mudava o peso de uma perna para a outra e mal se conseguia conter. Ao registar tal inquietude, Ezzila passou com os dedos pálidos pelo cabelo da cor do sangue e estudou a serenidade perversa no olhar do esposo.

— Desembucha de uma vez, escumalha.

— Os mensageiros vêm de Welçantiah, minha adorada esposa.

— Hymadher?

A rainha desceu uma enorme escadaria, com três aias curvadas a segurarem a cauda do seu vestido e Skygga na retaguarda. À frente de uma dupla composição enfileirada de sete guardas e doze escravos, Amarión acompanhava-lhes o passo, cheio de maneirismos, saudando cada matrona ou donzela com um leve baixar de cabeça e um igualmente delicado erguer do cálice de vidro esmaltado que segurava na mão direita. O esposo da rainha era todo ele pele e ossos, com lã tingida da cor da prata a trajá-lo com uma exuberância de acessórios que iam de braçadeiras a fios de prata. Mangas tufadas de algodão eram reforçadas com placas de prata e as calças compridas cobriam-lhe parcialmente as ligas das meias sobre um par de polidas botas de couro.

A luz do exterior esbatia-se nos vitrais cor de ameixa, mas o clarão dos velhos braseiros de bronze iluminava a rainha, destacando-lhe a maciez da pele e o carmim de um corpete rico em bordados e pedrarias. Uma corrente de luzes fantasmagóricas desfilava pela escadaria abaixo, atravessando as ilustres colinas de basalto e os corrimões pejados de pilastras e mísulas de pedra até ao enorme círculo redondo esculpido no solo de mármore branco. A cota de armas de Hyldegard marcava-lhe o centro. Num fundo em padrões losangulares azuis e brancos ficava a cabeça de um tigre-dentes-de-sabre a rugir, com uma romã prateada a emprestar forma à linha das suas mandíbulas.

— Sim, sim, minhas incansáveis aias, meus bons guardiões, estuguem o passo — murmurava Riotto Amarion, enquanto segurava o braço da esposa a trinta metros da inigualável Sala Maskean. Homens com focinho de lagarto, cobertos de penas negras, povoavam os frescos à sua volta, em cenas bélicas que ocupavam paredes inteiras. — Vamos, vamos. Não há ilustração nesta sala que vos alegre, como bem sabem. O Palácio de Alabastro foi erigido há mais de dez séculos, por criaturas tão feias que facilmente as confundiriam com a merda que deixam na latrina. Eram coisinhas repugnantes, os nossos ancestrais. — Fez uma pausa. — Deixemo-nos ficar para trás, minha querida.

Ninguém discutiu as indicações, uma vez que ele era o lorde camareiro, função atribuída a Riotto Amarion desde que, quatro anos antes, Lazard Ezzila se vira perdida na condução do seu governo e designara aquele homem, figura de vulto do Conselho de Estado, a ocupar o lugar de honra a seu lado no trono. Para ela, uma mera formalidade. Para o antigo sacerdote, uma oportunidade de ascensão sem igual.

— Eu sei o que ele quer...

Ezzila ergueu o sobrolho, desviando o olhar para as mãos ossudas do lorde camareiro cravadas no seu braço.

— Ele?

Riotto Amarion soltou-a e encolheu os ombros.

— Ameril Hymadher. O rei de Welçantiah. O vosso antigo amante. Quer-vos para ele, é o que ele quer.

A rainha soltou uma risada que apanhou desprevenidas as suas aias. A mais nova, uma menina com não mais de doze anos, afastou com dedos ténues a franja dourada de cabelo que lhe caíra para a boca e deixou-se ficar para trás, até que uma outra aia, com a soberba dos vinte anos a empertigar-lhe a ponta do queixo, deu-lhe um empurrão que a impeliu para a frente.

— Se eu não te conhecesse, maldito bastardo — murmurou a rainha —, diria que estais com ciúmes. Hymadher teve a sua oportunidade, há muitos anos. — Lançou o olhar vago para o longo corredor à sua frente, perdendo a força na voz. — Quando eu era uma tola.

— Na verdade, quando se é tolo um dia, é-se tolo a vida toda, e é isso que me preocupa, Sua Alteza. É gritante a diferença entre o ciúme e o zelo, apesar de ouvir dizer que a linha que os separa é ténue. Não conheço asserção mais errada. Entre ambas existe uma muralha armada com soldados, bombardas e canhões a cada cinco metros; claro está, é a emoção que fica do lado de fora.

Abobadados de estuque, esplendorosos vitrais, colunas de basalto negro e balaustradas ricas em detalhes acompanharam-nos até à vistosa Sala do Trono. Era uma divisão ampla, fria e gasta, edificada a partir da antiga Sala dos Tratados após o violento incêndio que vitimou o Palácio de Alabastro na terrível Guerra dos Corcéis que opusera os intrépidos marechais de Terra Parda aos frígidos senhores das Terras Altas.

Ao som dos seus passos, o salão havia-se silenciado e, quando os arautos cantaram o seu nome e os guardas se afastaram para lhes dar passagem, escondendo-se atrás das colgaduras e cordas de veludo, várias dezenas de servos ajoelharam-se no solo polido de mármore cinza. Os dois inóspitos habitantes que estavam agora no meio do salão foram os únicos que não se dignaram a qualquer mesura. Voltaram-se para a rainha, e ali ela percebeu que o seu esposo não a enganara. *São mesmo hurkk*, compreendeu, *com o brasão de Welçantiah*.

## DOIS

*Sudeste de Terra Parda  
Primavera de 1297*

**L**AZARD Ezzila, a rainha, valeu-se da famigerada hospitalidade hyldegardiana para fazer valer a sua vontade. Não foram necessários mais de dois dedos de conversa menos formal para entender que os dois emissários hurkk eram adeptos de pequenas trivialidades e o discurso engenhoso da rainha dava a entender que uma fuga à degustação desses mesmos prazeres mundanos figuraria como uma ofensa à sua pessoa. Como tal, da copa assomou uma rica variância de canapés, trabalhados com o mais elegante requinte e cores diversas, dispostos em padrões nas polidas travessas de marfim. Os mensageiros viram-se cercados de servos, transformados em convidados do mais alto gabarito num abrir e fechar de olhos.

Foram pastoreados até à Sala Demenar, onde Ezzila recebia os amigos para jogos de todos os géneros. As paredes estofadas a veludo tinham colgaduras de seda prateada e grandes telas exibiam algumas das obras de arte mais ricas do Período Demenar, como o incrível quadro a óleo *O Menino* de Corvall, no qual um jovem nu fazia pontaria para o horizonte fumarento com um mosquete.

Mesas de jogo salpicavam o salão num padrão aleatório. Ezzila dirigiu-se à mais distante de entre elas, convidando calorosamente um dos hurkk a acompanhá-la, enquanto Riotto Amarion ocupava o outro, presumivelmente mais adepto de

cultura, com uma velha peça de cerâmica na qual figuravam imagens de caça, um dos tesouros do último rei Demenar.

— Eu quase posso abster-me de desconsiderar um favorecimento, nobre hurkk — disse Ezzila, enquanto se acomodava numa requintada cadeira de mogno, com a pronta intervenção das suas aias. Skygga aninhou-se aos seus pés. — Proponho um jogo honesto, senhor... Como é mesmo o seu nome?

O hurkk agradeceu com um aceno ao escravo que lhe afastara um cadeirão para se sentar e as asas bateram duas vezes nas costas antes de o fazer. Os traços angulares do seu rosto revelaram uma inteligência subtil na forma como franziu o sobrolho.

— Não é comum perguntarem-nos o nome, Sua Alteza. Somos emissários de Welçantiah, o remanescente de uma raça em tempos vulgar, hoje meramente sugestiva de reconhecimento. A sua cortesia apraz-me, senhora, muito embora a minha satisfação não deva ser levada em grande conta. Chamo-me Robett Wyll, Sua Alteza.

Lazard Ezzila sentiu-se subitamente ansiosa ao dissecar aquelas palavras. Bateu na base da mão duas vezes e um número prodigioso de servos aproximou-se como uma nuvem de moscas.

Das portadas do salão espreitavam as cabeças de alguns nobres curiosos, que a fileira indiscriminada de guardas armados não teve autoridade para afastar. Abriram passagem quando uma comitiva de músicos abordou o salão e a composição variegada de escravos e nobres posicionou-se para tocar uma bela melodia aos convidados. Entre os músicos, estava um rapaz muito pálido vestido com uma longa túnica lilás. Tinha o cabelo cortado ao nível das orelhas, um queixo angular e transportava uma harpa cujo corpo de madeira polida dava-lhe um palmo acima da cabeça. Quando os seus dedos de unhas compridas se flectiram para dar voz às cordas, fez-se magia. Lágrimas picaram os olhos da rainha, ao reconhecer a arte do seu Hzora. Segundo o protocolo, era o herdeiro ao trono. Mas Ezzila sabia que o seu filho era um artista, como o avô, e não

estava destinado à governação. Nascera surdo e mudo, e surdo e mudo chegara aos dias de hoje.

— O meu filho Hzora — indicou com orgulho.

O hurkk beliscou uma cereja coberta de molho-de-cacau, fazendo-o rolar ansiosamente pelos cantos da boca antes de extrair, com discrição, o caroço para um prato.

A rainha serviu-se de um cálice de vinho velho, pouco maior que um dedal, e sorvia o seu paladar acetinado quando fez sinal ao escravo Natonios para se aproximar com a sua familiar paleta amarela. O escriba sentou-se no chão a seu lado e o hurkk franziu o cenho, ligeiramente intrigado com a presença do escravo, enquanto os acepipes eram removidos da mesa, substituídos por uma torre de peças em madeira polida.

Lazard Ezzila removeu de uma gaveta sob a mesa um grosso baralho de cartas, que entregou a um dos escravos. Negro como teca, o servo misturou as cartas com uma rapidez de malabarista e, com uma expressão algo estrábica, posicionou-as sobre a mesa. Ezzila mantinha o sorriso no rosto quando removeu uma longa tenaz de ouro da mesma gaveta e com ela partiu o baralho em três. Depois, indicou ao hurkk que recolhesse o seu jogo.

— Presumo que conheça Omera, o jogo inventado pelo nosso prodigioso rei Omeros.

Se o hurkk não o conhecia, não o admitiu, limitando-se a um breve encolher de ombros.

— Se eu não fosse um homem humilde, atrever-me-ia a dizer que conheço todos os jogos praticados em Terra Parda, minha nobre senhora.

Ezzila pareceu vibrar com aquilo e puxou dez cartas para si. Sobre a ténue cartolina dourada estavam desenhadas dez figuras em verniz.

— Óptimo! Que maravilha.

Robett esticou o braço para as peças de madeira quando a mão aberta da rainha lhe travou o ímpeto. Meneou de imediato a cabeça.

— Claro está, por quem sois! Tenha a bondade de abrir as hostilidades.

— Não. Não me interprete mal, caro Robett. Proponho um jogo algo diferente. Lembra-se de eu manifestar vontade em escrever uma mensagem para o seu nobre suserano? E que tal ser o meu escriba a redigi-la, com base neste jogo? Proponho que ele o testemunhe e registre tudo o que oiça. Presumo que Hymadher tenha muita curiosidade sobre as questões que envolvem o meu lar.

O hurkk não podia parecer mais surpreso, mas também as aias abriram as bocas e soltaram *Ah's* de surpresa, entreolhando-se com curiosidade. A rainha tinha uma percepção desconfortável sobre a atenção que os subordinados dedicavam àquele encontro.

— Muito bem — concordou o hurkk. — Não tenho objecções quanto a isso, ainda que deva alertá-la de que qualquer informação confidencial me esteja vedada e que seguramente os meus conhecimentos não lhe trarão qualquer vantagem.

— Veremos — disse Ezzila, com um sorriso de orelha a orelha. — Comece você.

Cada jogador empurrou duas fichas de madeira. Natonios mergulhou os dedos no estojo de tinta, fazendo-os regressar com uma cor azulada. O jogo de Ezzila era-lhe favorável. Tinha quatro rapazes vestidos principescamente, com flâmulas a jorrarem-lhe dos cabelos, dos punhos e dos colarinhos rendados. Duas mulheres nuas com torquéis e braceletes com formas serpentina. Uma menina com cabelos lilases. Um sacerdote com um incensório ao pescoço. Um guerreiro nu de pele vermelha como sangue. E uma mulher de cabelos vermelhos, quase uma representação da sua pessoa.

O jogo de Robett não parecia menos abonatório, a avaliar pela expressão arguta do hurkk, mas era presumível que, para além de mensageiro, ele fosse também um bom actor. A luz quente e amarela das coroas de velas no tecto reflectiu-se nas suas cartas e Ezzila sentiu um tremor de empolgação. Ouviu o

leve bater da carta de Robett sobre o mogno trabalhado da mesa de jogo e estreitou os olhos ao ler a sua jogada.

*Um Príncipe de Fogo. Naipes de tigres.*

O Príncipe de Fogo era a carta mais valiosa do jogo. Teria o hurkk um jogo tão bom que se dispusesse a arriscar uma carta daquelas à primeira jogada? Ou queria fazer parecê-lo? Fazê-la acreditar nisso? Não caiu no embuste e fitou os seus quatro Príncipes. Depois, sacrificou o sacerdote. O Arquediago de tigres.

Robett recolheu as quatro peças de madeira.

— Muito bem, o que pretende saber? — perguntou a rainha.

O hurkk pareceu regozijar-se com o seu repentino mau-humor, mas não se atreveu a sorrir. Lançou o olhar por cima do ombro, para ver Riotto Amarion a dissertar sobre a arte-sacra em vigor no século IX.

— Como é que Sua Eminência Lorde Amarion se tornou seu esposo?

Lazard Ezzila abriu o rosto com a questão. Seguramente, aquela era uma resposta que agradaria a Ameril Hymadher ver respondida. Estalou os dedos e fez sinal à sua mais jovem aia para que se aproximasse. Natonios preparou-se para escrever.

— Selenya, minha querida, como é que Riotto Amarion se tornou meu esposo?

A jovem estremeceu. Esboçou um sorriso tímido, que lhe destacou as covinhas do rosto, e depois o queixo tremeu-lhe como se fosse começar a chorar. Afastou uma melena loura da boca e respondeu com um encolher de ombros.

— Ora, minha senhora! Sua Alteza era viúva e escolheu Sua Eminência. Ele era um bom governante. Salvou Hyldegard com as suas medidas governativas.

Selenya poupou-a à humilhação de dizer que ele era um bom homem ou que ela o amava. Mais tarde, agradecer-lhe-ia por isso. A jovem deu um passo atrás. A rainha brindou o hurkk com uma expressão bem-humorada e tirou uma carta do

baralho. Saiu uma jovem com cabelo lilás, a Estátua de Ametista. Tinha agora duas. Com rapidez, tirou duas fichas e apostou-as. O hurkk fez o mesmo. Depois, foi a vez de Ezzila apostar a sua Estátua de Ametista recém-chegada ao baralho. O hurkk cobriu-a com um homem vermelho. O Senescal de unicórnios.

Também a rainha ficou vermelha, como um tomate. A respiração das aias ficou presa no ar, em simultâneo. O hurkk recolheu as peças e juntou as cartas.

O súbito relance que o hurkk dirigiu à rainha pareceu sombrio, quase malévolos.

— Diz-se que o seu pai foi exilado pelo seu anterior esposo, o nobre Maskean Olegos. Qual a razão por que isso aconteceu?

A rainha fez rolar os olhos com a questão. Estalou os dedos novamente e Selenya deu outro passo em frente.

— Selenya, por favor!

— É um acontecimento que Sua Alteza lamenta profundamente. Ocorreu antes mesmo que o nosso bom senhor a cortejasse. Um desentendimento político. Acontecem muitos entre homens de leis, meu senhor.

Selenya gaguejou na última frase. A rapariga fora evasiva e genuinamente cautelosa até ali, mais por desejar salvaguardar a privacidade da rainha do que por ignorância, e o olhar de Lazard Ezzila transmitiu-lhe um agradecimento silencioso antes de se voltar para o hurkk, que a fitava com curiosidade.

— Perdoe a minha aia. Selenya está apaixonada pelo aprendiz de palafreireiro e todos sabemos como uma menina apaixonada fica tímida. — A rapariga corou de vergonha. — Como deve saber, caro Robett, os Lazard foram uma dinastia ufana na nossa espada, associada à Batalha Sem Nome, na qual Anton venceu os exércitos de Dayyon Yahya, vindos de oeste, com os seus animais gigantescos como montaria, armaduras do mais polido açovital e nuvens de gralhas-de-sangue a acompanhá-los. Vencemos as legiões de Namantisqua, matámos o seu senhor negro, mas algo de tão errado aconteceu ali que todos os registos de tal batalha foram incinerados e qualquer

recordação foi afastada das bocas do povo como se tal fosse trazer má-sorte às suas famílias.

Robett assentiu, enquanto corria com um dedo impaciente pelas suas cartas.

— Como responde isso à minha pergunta?

— Os Lazard foram destronados, caro mensageiro. Depois deles vieram os Maskean, originários de Somoros, cujo legado só foi interrompido quando Joel II foi deposto e os Demenar reclamaram para si a coroa. Viriam já no último século a recuperar a sua vigência e Maskean Olegos foi o mais notável de entre os seus reis.

— O seu falecido esposo — disse Robett.

— Mas os Lazard não tinham desaparecido e o meu pai fora um remanescente dessa excelsa linhagem. Nasci de um amor impossível em pleno Mar Velho, quando Lazard Rog, um importante ministro da governação Maskean, abandonou a minha mãe com uma criança nos braços. Nasci no arquipélago Hwbane e cresci entre os ilhéus, até ao dia em que ele regressou, quando atingi a maioridade, para me trazer consigo para Hyldegard. Estava ávida por conhecer o meu pai, ávida por conhecer o modo de vida dos continentais, sorver a sabedoria e o poder dos meus antepassados. Escusado será dizer que, à minha chegada, despertei curiosidade e interesse por parte de toda a nobreza. E que acabei encantada por aquele belo príncipe que chegou do sul, guarnecido por gigantes que eu só conhecia das lendas, como Chestyr Worrena e Monroy Aggert.

Robett assentiu.

— A delegação Ameril.

— O senhor seu rei chegou com o pai, o mítico Ozilliar III, para discutir com Olegos assuntos relativos à Liga Parda. Hymadher foi o primeiro homem que eu amei, confesso. — Levou as costas da mão à testa, como se estivesse a considerar uma febre. — Estou a divagar. Creio já ter falado mais do que me cabia proclamar, mas duvido que seja difícil extrair daqui uma resposta à sua pergunta. As diferenças entre o meu pai e

# TRÊS

*Welçantiah*

**O**S passos dos escravos ecoavam aos seus ouvidos. — Pelos deuses, parecem retardados. Trémulos e dóceis com espuma a formar-se no canto dos lábios. Despachem-se ou terão mais uma úlcera a lamentar — gemia o exasperado deel, um obeso supervisor de escravos chamado Stelbun Odd-Mai, enquanto desaparecia nervosamente pelo longo e frio e ressonante corredor de mármore, atrás de uma meia dezena de escravos miserianos.

A guarda imóvel fechou a porta dos aposentos e a consorte do rei dirigiu-se à cama de dossel, de onde ergueu um vestido para o examinar.

— Ama-la? — perguntou, com o tom de quem queria uma opinião sobre o que devia vestir.

Ameril Hymadher estava encostado a um dos pilares que servia de suporte à dupla portada de acesso à varanda, com os olhos postos na freguesia movimentada em volta do obelisco de Dogastos, na Praça dos Unicórnios.

— Estás a falar de?

— Lazard Ezzila, a rainha do Trono do Tigre. Ficastes perturbado com o relatório dos hurkk — disse Hamsha com um suspiro. A mulher estava descontraída, com um travo de mau humor na voz. — Conheço-te melhor do que pensas, Hymadher. Talvez leve este, cor de mel. Combina com o meu tom de pele.

*Tom de pele.* Hamsha lembrava-o das origens sulistas a cada momento. Lembrava-o de que a arrancara aos grilhões da escravidão, treze anos antes, para a transformar na esposa de

um rei. Lembrava-o de que lhe prometera amor e respeito, e que lhe oferecera pouco mais que cama, ouro e jóias.

— Leva o corpete cor de azeitona. Combina com os teus olhos — disse ele. — Realça a sua beleza. — Enormes, fundos e inquietamente penetrantes, o par de olhos castanhos concedia ao rosto de traços salientes de Hamsha um exotismo sulista. O nariz era pequeno e arrebitado e os lábios, delgados e vermelhuscos, mendigavam beijos demorados. O queixo era um pormenor sensual ligeiramente pontiagudo.

Aquilo fê-la demorar-se a fitá-lo, com uma expressão mordaz.

— Não respondeste à minha pergunta.

Hamsha era uma mulher perspicaz e experiente; quatro décadas de idade, duas das quais passadas sob a rédea cruel dos escravagistas. Sob o seu porta-seios e tanga de sedas douradas, braceletes, pulseiras e brincos em forma de lágrimas, estava uma antiga escrava, desmascarada pelas cicatrizes junto aos ombros e às costelas, e pela marca de ferrete que se enrugava na omoplata esquerda.

— Sei onde queres chegar — disse o rei. — Não vou alimentar esta conversa.

Ágil como uma onça, a mulher afastou graciosamente o cortinado em cetim índigo que envolvia o leito e aproximou-se de Hymadher como um predador a rodear uma presa. Sentiu o perfume a canela que ela emitia a envolvê-lo.

— Em outros tempos, disseste-me que só os loucos e os sábios sabiam o que era o amor. Lembras-te do que te respondi?

— Timidamente, ela tocou-lhe no cabelo com a ponta dos dedos, mas Hymadher virou-lhe costas. Caminhou para a antecâmara do quarto, onde se deteve abruptamente ao ouvi-la recitar as palavras:

— Ensina-me, meu Príncipe! Faz-me ser sábia de ti. Ou enlouquecerei de paixão.

— Não sou nenhum tolo — disse, ao virar-se para ela. Hymadher era um homem alto e viril de mãos grandes e

ar solene, com marcas sombrias no rosto ascético. Um rei de quarenta e dois anos, trajado com um loudel dourado e lágrimas carmins pintadas nas pálpebras e nas maçãs das faces. — Não me esqueço aquilo que vivemos, porque insistes em lembrar-me? Ambos sabemos aquilo que vivemos. Ambos sabemos aquilo em que a nossa relação se transformou.

*Sabemos que ela se transformou numa cordialidade fingida, e tu não paras de me espezinhar com lembranças,* pensou Hymadher, quando um silêncio que se tornara habitual se estabeleceu uma vez mais entre ambos. *Lembranças de dias melhores. Dias melhores para os dois.*

Depois de uma longa jornada de cansativas batalhas a sul, o trajecto do Rio Jaguar levava-o a Mils, onde, de entre dezenas, uma escrava de indescritível beleza ganhara a sua atenção. No mercado mensal, Hymadher decidira comprá-la. Desaconselharam-no. Os seus pares disseram que era demasiado cara. O dono garantira que era conflituosa e indomável. Mas eram mesmo essas as características que lhe agradavam. Hymadher comprou Hamsha e, durante os dois meses que passou em Mils, desfrutou ao máximo da sua lascívia após quase três meses de jejum carnal. A par das noites quentes que ela lhe proporcionava, ele admirava a sua postura feroz. Achou que, com o tempo, a passaria a amar, talvez da mesma forma que um dia amara uma outra mulher, e fez dela sua protegida.

Quando o pai morreu e Hymadher foi coroado rei de Welçantiah, levou-a para o palácio, escandalizando toda a alta sociedade de então. Alforriou-a e Hamsha passou, em pouco tempo, de escrava a rainha. A sua intenção em substituir a outra mulher no seu coração, porém, saíra gorada. Quanto mais ele a estimava com gloriosos banquetes, mil jóias e mil escravos, mais ela se revelava sequiosa de poder, volúvel, inteligente e mordaz. Olhou para Hamsha com frieza e o seu rosto de ferro desmoronou-se em linhas amargas.

— O que é que sentes por mim, Hymadher?

— Não me recordo que te importasses com aquilo que eu sinto, minha querida esposa. Interpretarei a tua questão como retórica. Olhai à volta e terás a tua resposta.

Em passadas calmas, aproximou-se da porta e ofereceu-lhe uma nota de indiferença. O olhar de Hamsha rosnou e os ângulos do seu rosto contraíram-se num cerrar de dentes. Os dois membros da guarda imóvel fecharam a porta à sua saída e fizeram cruzar uma alabarda sobre a outra.

— Já chegaram todos? — perguntou Hymadher enquanto cruzava o longo corredor, seguido pelos mais altos membros da sua Guarda Ameriliana, numa marcha vigorosa e assertiva.

— Fel Manny, Vax Mohill, até Sua Graça Lorde Gorón, Alteza — respondeu Hordy Mool, o chefe da guarda, à sua esquerda. Era um homem de ombros largos e peludo, com uma voz enrouquecida pelo tabaco. Vestia um colete e lorigão de anéis de metal, e uma capa vermelha sobre os ombros. Um meio-elmo com uma crista de plumas vermelhas encimava-lhe a cabeça, com um unicórnio gravado a ouro ao centro da testa, semelhante ao que exibia no cinturão. Penas de moa pintadas de vermelho cobriam-lhe as sobrancelhas.

— E como os deverei encontrar? — murmurou Hymadher.

— Agitados, desconfortáveis, conspiradores — esclareceu Da-ne, à sua direita. Mais baixo e mais esguio que Mool, exibia a insígnia de prata do braço-de-prata, com traje semelhante ao do seu superior. Dono de um olhar leitoso e vesgo e de uma espada curva com punho em forma de suricata que parecia ver por ambos, era o segundo na linha de comando e responsável pela equipa de espiões. Ao peito, ostentava uma cicatriz vermelha em forma de meia-lua e o ventre era uma grelha de músculos bem definidos. — Todos muito bem informados — acrescentou.

Hymadher assentiu de compreensão, sem desacelerar o passo. Ao entrar na Sala das Regras, percebeu que todas as conversas ficaram pendentes. O olhar dos assessores, secretários e conselheiros repousaram no rei acabado de entrar e todos se levantaram das poltronas em sinal de vassalagem, recebendo-o

com medidas. Os secretários vestiam togas cinzentas feitas de penas, as togas raj, sobre túnicas de linho, e os conselheiros trajavam idênticos, mas de cor vermelha, as qush.

Em cerâmicas frias trabalhadas com reflexos de lápis-lazuli, dois nus femininos preenchiam um dos cantos da sala, beijando-se como amantes. Colossais lustres desciam do tecto ornamentado e uma ampla mesa de trabalho ocupava a maior fatia do espaço, com um tampo oblongo em madeira escura e imponentes pernas trabalhadas em carvalho nobre. Em cima da mesa repousavam imensos escritos dispostos de forma desorganizada, uma pilha de livros, um estojo de tinta, um pisa-papéis em forma de torre-de-sítio e uma marmota embalsamada.

Gradualmente, os olhos de Hymadher adaptaram-se à tonalidade branca do salão e à luminosidade harmoniosa que provinha das janelas. Sentado numa das enormes cadeiras de mogno brilhantemente esculpidas, à frente de uma lareira apagada, estava o homem que ele mais odiava. O seu irmão mais novo, Ameril Goròn.

— Começaram sem mim? — perguntou o rei. Tentou abstrair-se da figura enigmática do irmão e divisou os muitos conselheiros com quem se debatia diariamente, enquanto se encaminhava para a poltrona estofada, a única que faltava ocupar de frente para a mesa de trabalho.

Os cochichos voltaram, agora um sem número de vozes que tentavam justificar-se de alguma coisa. Hymadher consertou o loudel antes de se sentar. À sua volta gravitavam homens que colecionavam competências ímpares no jogo de estratégia e um tacto apurado para todo o tipo de questões palacianas. No entanto, o que os olhos e os ouvidos de Hymadher lhe mostravam eram sombras expectantes, que esperavam ansiosamente pela oportunidade de lhe meterem as garras em cima.

*Sombras quemordem*, pensou, focando-senorosto hermético e olhar de lince do irmão, com a mitra vermelha à cabeça que expressava a sua posição de aleck, o sumo representante do

## QUATRO

*Sul de Terra Parda*

**A**S faces estavam humedecidas, os olhos picados pela areia do deserto.  
— Vamos lá! — gritava um dos cavaleiros de revólver em punho. — Apanhem o maldito kaff ou estamos todos fodidos.

Kaff era um termo terrapardiano que significava vômito de camelo, mas ao nariz empertigado de Mysee Tyttertóp cheirava-lhe sobretudo a estrume de cavalo. Os cascos enterravam-se na areia do deserto, o que dificultava a sua progressão, assim como faziam levantar nuvens de areia que, a somar ao tormento negro que as armas de fogo faziam disparar, tornava aquela caça ao mahlan uma confusão.

Sentiu o baio retrair-se entre as suas pernas com uma inesperada mudança na rota do vento e viu as orelhas do animal a repuxarem-se para trás. Assim que se equilibrou, Tyttertóp segurou as rédeas pelos dentes e com o mosquete fez mira à criatura negra, quando ela lhe apareceu no campo de visão. *Pum*. Tormento negro foi-lhe soprado para a cara pelo vento. Cerrou as pálpebras até começar a ouvir as primeiras saudações no linguajar rude do exército.

— ‘Tiveste bem, miúdo — disse-lhe Lee Aymer, dando-lhe um carolo na cabeça assim que desmontou. Pelo que percebera, o seu tiro atingira em cheio a zona mole na nuca do

mahlan, fulminando-o. O preço fora um mau jeito no ombro. Os homens desmontaram e fizeram uma festa daquilo, mas o ar continuava impregnado com o odor a tormento negro e a caca de cavalo. Aquele era um grupo pequeno e não passava de trinta homens. Eram soldados da muralha de Snitt-Woles, destacados para encontrar os mahlan que haviam conseguido passar pela embaraçosa brecha na muralha de Myok. Hill Donah, o comandante do terceiro batalhão de infantaria, encontrava-se entre eles.

— Um tiro limpo, rapaz — assegurou quando passou por Tytterttop e despenteou-lhe os longos cabelos lilases. — Andamos a fazer progressos.

Mas Tytterttop ficou a estudar aquilo que tinha matado, uma criatura com quase dois metros de altura, de porte semelhante ao de um homem e com a cabeça alongada de um lagarto. Do cocuruto do focinho aos músculos das coxas era totalmente revestido de penas negras. Possuía um par de pernas afiladas e ossudas que terminava em garras, uma engrenagem de tendões coberta por uma leve película de pele, que fazia lembrar as patas de uma avestruz. Todos os homens ajuramentaram-se ao serviço do exército para matar coisas daquelas. Tytterttop sentiu os braços em pele de galinha quando viraram o cadáver para cima, revelando uma armadura velha e ferrugenta, cheia de areia, e o focinho longo completamente aberto, com duas fileiras incríveis de dentes pontiagudos. Os homens levaram as mãos aos narizes para evitar o odor fétido que jorrou daquela boca.

Uma mancha de sangue negro ensopava a areia no lugar onde mahlan tinha caído. Tytterttop sentiu o vômito a subir-lhe à garganta. Donah deixou sair um suspiro nauseado quando lhe tocou no ombro aleijado e o afastou dali. Era um homem de aparência severa, ombros amplos e pescoço maciço. Tinha uma barba ténue que realçava as linhas duras do seu rosto e o cabelo parecia pouco mais do que uma sombra cinzenta sobre a pele.

— Temos de pensar numa promoção, mosqueteiro!

Ty assentiu com a cabeça, enquanto fitava o horizonte promissor. A Estrela Flamejante saudava o seu feito com um toque dourado.

— Como lhe aprouver, senhor. Mas não é o comandante o meu superior directo e ainda estamos no meio do deserto, sem saber ao certo onde, ou se há mais coisas daquelas por aí.

Hill Donah meneou a cabeça sem sorrir, mas os olhos de um tom claro de azul eram amigáveis.

— Isto, mosqueteiro, é aquilo que fazemos — disse, acelerando o passo e ultrapassando-o, sem explicar a que se referia.

O mosqueteiro conduziu o baio pela arreata. Era amarelo-torrado, por isso chamara-o de Torrado, muito embora o cavalo não fosse seu. Tyttertóp era um cadete recém-promovido ao exército, com a experiência de três primaveras na muralha. Fora dos últimos a voluntariar-se para o destacamento de caça aos mahlan, um pouco por medo de que o acusassem de cobardia, mas um cobarde não fugiria da segurança da muralha para apanhar vómitos de camelo a cavalo, e ali ninguém podia ser chamado de tal, porque todos os homens borravam-se ao ouvir os guinchos dos mahlan e das suas montadas bestiais. Mas eram outros sons, os estertores de companheiros seus, que o impediam de dormir à noite.

Como Donah e uma boa fatia daquele destacamento, Tyttertóp era hyldegardiano, formado em mosquetearia pela Academia Dorienal, mas também havia ali welçantianos, somorianos e torianos, e qualquer um desses parecia estar bem mais perto de casa do que eles.

Decidiram parar quando as sombras começaram a sitiar as dunas mais elevadas. Acenderam uma fogueira e puseram um cão-dos-desertos no espeto. Rescoe queixou-se de que lhe roubaram a pederneira, Zechari, um somoriano de gema, dizia que o seu manto precisava de uma boa lavagem e isso fez Tyttertóp fitar o próprio paramento. O branco ganhara tons amarelos, quase da cor do seu cavalo.

— Devemos avançar para sul e contornar os Lábios de Salamandra até alcançarmos as muralhas — sugeria o intendente Loggia, um veterano de Hyldegard.

— Disparate — rebateu Aymer. Era amigo de infância de Tyttertóp, um rapaz moreno de queixo encovado e alma de herói. — Welçantiah, Somoros e Tori formam um triângulo a apontar para nós. Pelas minhas contas, não devemos estar a mais de três quilómetros de Welçantiah. Dirigimo-nos para leste, rastreamos a área envolvente, fazemos uma rápida visita à cidade, recuperamos fôlego e retornamos à muralha. Nada mais lógico.

— E que tal ir até Hyldegard? — perguntou Loggia, todo ele empertigado e cheio de sarcasmo. — Fica a noroeste, na outra ponta de Terra Parda, demoraríamos mais de duas semanas a lá chegar, mas vasculhámos o terreno, fazíamos o nosso trabalhinho e regressávamos. Ou devo sugerir uma rota para nordeste? Obeim? Cordilheiras Bravas? Para leste? Batamos à porta dos el'ak ou à Torre da Cortesã. Quem sabe atravéssemos o mar para encontrar um mahlan numa casa de putas em Ermihon, nas cidades portuárias das Terras Altas.

— Travar conhecimento com uma lanceira de Aan não me desagradaria — disse Boca Cronnenby, um cabo welçantiano gordo e indolente. A mediocridade com que os welçantianos tratavam a virilidade do deus pai ainda o afectava, mas habituara-se a ouvi-los chamar às prostitutas de lanceiras de Aan, durante os meses na muralha. A serpente emplumada com que representavam o pénis do deus embaraçava-o.

— Um viva a isso — gracejou Aymer, perfeitamente familiarizado.

— Silêncio — gritou Donah.

Os soldados estavam acorados junto ao fogo, envoltos nas trouxas em couro de camelo, enquanto Tyttertóp os ouvia serenamente. Estava sentado sobre um colchão de campanha, com Torrado amarrado à espora que roubara a um redil de cabras num povoado onde haviam permanecido. Passava com

uma tira de couro oleada em lanolina pela baioneta do seu mosquete, em movimentos lentos e fluidos, de modo a deixar a lâmina afiada e a brilhar. Os seus dedos longos e pálidos faziam o trabalho por si, uma vez que tinha a mente distante.

Ouvir falar de Hyldegard, do norte amplo com os seus vinhedos e clima temperado, deixava-lhe uma sensação de nostalgia. Não guardava grande estima por aquilo que a sua pátria significava, pelo símbolo do tigre-dentes-de-sabre ou pelas suas gentes.

Acusaram os seus pais de roubo. Riram-se deles e urinaram-lhes em cima, enquanto eram levados para o cadafalso. Executaram-nos. Restava-lhe um velho tio, a trabalhar nos socalcos de Ma'arandot, mas seguramente a pneumonia não lhe daria mais de três anos de vida... e o seu pequeno irmão, que a rainha levava para o Palácio de Alabastro como aprendiz de palafreireiro.

Gostava de pensar que era pelo irmão que estava na muralha, que as moedas truncadas que recebia ao final de cada bimestre ajudavam o tio a pagar-lhe cada fatia de presunto ou gole de água, mas duvidava de que ele precisasse de algum dinheiro, agora que era protegido pela rainha. Nem mesmo sabia se os seus contactos lhe entregavam o dinheiro, ou ficavam com ele para si. Maturou na questão e decidiu convencer-se a si mesmo de que isso não importava. Servia com honra a pátria e amava o mosquete. Logo depois, os estampidos dos disparos, o troar dos cavalos e o batuque dos tambores mahlan assomaram-lhe ao espírito. E os guinchos kaff e os gritos dos seus amigos a morrer.

Saíra de Hyldegard com a paixão que antecede a guerra a vibrar no peito e promessas de glória e reconhecimento. Até agora, tudo o que Mysee Tyttertóp tinha testemunhado era morte e horror. As muralhas eram um cenário infernal, onde o ar se enchia de suor e de morte, e os gritos que se faziam ouvir tornavam a obstinação das moscas pelos seus corpos uma trivialidade. Ainda assim, Tyttertóp não se queixava do que os seus olhos testemunhavam, não se queixava do bolor no pão

que comia nem dos gritos nem das moscas. Era responsável pelas próprias escolhas.

Porém, se havia um momento para desertar, esse momento era aquele. *Para onde iria?*, pensou. Regressar para o irmão em desonra, envergonhando-se diante da Coroa e arriscando a educação de Tazz? Ou viajar para longe, para nunca mais o ver, simulando a própria morte? *Para onde?*

Nunca estivera nas terras de maior importância em Terra Parda. Sonhava com as torres cilíndricas de Obeim e Tori, com as fortalezas inexpugnáveis de Welçantiah, o todo-poderoso bastião Ameril, e com Somoros, com todo o seu ónix e obsidiana. Em tempos, eram nomes sem sentido, até ter conhecido os seus homens, cada um com a génese embutida no olhar e na língua, nas muralhas da Liga Parda onde muitos morreram e continuavam a morrer.

— Não tarda encontramos sulistas e descobrimos que entrámos nas Terras Quentes sem dar por isso — grunhiu um somoriano de gengivas proeminentes e uma grande mancha cinzenta no rosto. Não sabia o seu nome. Era um dos homens que se haviam juntado à discussão.

Se aqueles veteranos de guerra se haviam perdido nos desertos, Tyytterttop pensava para onde iria ele, que nada conhecia do seu próprio mundo. Terra Parda era uma única nação, mas estava polvilhada de cidades-estado que, não obstante o idioma partilhado, eram tão díspares que quase pareciam saídas de mundos distintos.

— Os Lábios de Salamandra são um risco — asseverou Hill Donah, sem orgulho. — Para lá deles, ficam as Terras Quentes e, por muito que as colónias Ameril tenham sido pacificadas, os seus desertos nórdicos estão prenhes de selvagens e há rumores de que libertadores de escravos se movem Jaguar acima, dando caça aos esclavagistas.

— Nós somos esclavagistas — disse Boca Cronnenby com os olhos postos em Tyytterttop, mas ninguém soube dizer se ele estava a considerar um ataque sulista ou a esclarecer o rapaz.

## CINCO

*Welcantiah*

**H**AMSHA ouvia o eco dos seus passos sobre o piso em travertino. Parou abruptamente, ao ouvir sussurros entrecortados no corredor.

— Larguem-me! — grunhiu uma voz de rapaz. — O que acham que estão a fazer?

Hamsha não dobrou a esquina. Encostou-se à parede e utilizou uma prega da sua longa túnica de seda para aplacar o clarão da lanterna de óleo pentagonal que segurava na mão esquerda, revestida a bronze e coberta de vidraças lilás. Soprou para afastar os cabelos do rosto e as moscas varejeiras que teimavam em rezingar à sua volta.

Espreitou para a longa galeria que se espraiava à direita e viu um par de guardas a empurrar um jovem de túnica negra. Não podia ter mais de quinze anos e usava o cabelo, escuro como penas de corvo, pelos ombros. Um queixo angular e nariz petulante davam-lhe uma expressão presunçosa à luz das tochas que iluminavam o corredor.

— O que me vão fazer?

— Saberás em breve — garantiu Tary Olho Verde Verdel, um veterano da Guarda Ameriliana. — Esgueirares-te para o palácio, a meio da noite, valer-te-á um senhor correctivo. Quanto mais não seja por fazeres acordar o braço-de-ouro a meio da noite.

— Vocês sabem quem eu sou? Sou Welder Uw-Abblard, já vos disse. Cadete do exército. Perguntem a Mool, ele explicar-vos-á.

— Hordy Mool, rapaz — corrigiu um guarda de voz áspera, apertando-lhe o braço com mais força. — Para ti, é senhor comandante. Ainda que pertenças ao exército, isso não te dá salvo-conduto para andares livremente por aí.

Hamsha viu os homens a conduzirem o rapaz para uma das câmaras de acesso aos escritórios da Guarda Ameriliana. Fez relaxar os ombros e agradeceu a Jaffaz que não a tivessem visto. Não lhe agradaria ter um garoto imberbe a contar histórias sobre os trajes nocturnos da consorte real. Atravessou o longo corredor por entre fileiras de colossais estátuas de mulheres nuas erigidas em basalto e ergueu a lanterna à frente dos olhos para lhes estudar as expressões faciais. *Como se elas me pudessem dar qualquer resposta.*

Experimentou uma desconfortável e familiar sensação de insegurança ao chegar a um dos mais distintos pátios interiores do palácio, um átrio solene revestido a mármore, envolvido por balaustradas que lhe davam acesso por quatro braços de degraus, que formavam uma cruz com o átrio ao centro. Hamsha desceu por uma dessas escadarias, ignorando por completo os detalhes arquitectónicos dos cilíndricos pilares de basalto que desciam do tecto, as mísulas trabalhadas nos balaústres ou o jogo de luzes proveniente dos vitrais. Os seus olhos fixaram-se no imponente fontanário ao centro do átrio, onde uma grande estátua feminina imperava com uma expressão meditativa no rosto.

Sentou-se na orla do fontanário, com a cauda de pregas da túnica a adejar aos seus pés. Passou com os dedos frágeis pelo mármore cinza e fitou o fluxo de água cristalina que circulava em redor da estátua.

Hamsha sentia-se inebriada, mas não tinha bebido. *Ou será que bebi?* No cristal das águas viu as linhas do seu rosto, uma expressão assustada que em nada combinava consigo. *O que se passa?*, perguntou-se. Seria a ideia de perder Hymadher

que a torturava? Ou seria a ideia de perder tudo o que ele representava?

Odiava aquele átrio. Era sombrio, frio, húmido e cheirava a estuque, como tudo naquele palácio. Odiava as representações nas paredes, o aspecto sinistro dos deuses e reis antigos.

A vida ali era tão diferente do calor a que se habituara em Mils, do cheiro a manteiga, a barro, a ovelhas, a pele, a suor, a gente. Odiava o palácio, era a verdade, mas em simultâneo ele significava a sua liberdade, o seu poder. E disso ela nunca iria abdicar.

*Nunca.*

Lembrava-se de como tudo começara. Da vida antes de Hymadher. Antes de Welçantiah. Lembrava-se do primeiro dono, Zeilo Oaskis. Podia ouvir os gritos da sua mãe provenientes do primeiro andar da residência, onde aquele monstro a abusava. Hamsha chorava, protegia com os braços o peito pequenino e estremecia ao imaginar o que se passava no andar cimeiro, com a mãe. E depois ouvia o som de um chicote a varar os ares e os gritos dela a acentuarem-se. Lágrimas vertiam-se-lhe pelo rosto.

A mãe parou de gritar. Imbuída de coragem, galgou os degraus até ao quarto do seu dono, que mantinha a porta entreaberta. Ali, deparou-se com uma visão terrível. Sangue. A cama de Oaskis pingava sangue para o piso de pedra. *Poc, poc, poc.* Ainda se recordava do som frio que o sangue quente fazia ao tamborilar no solo. As costas morenas do senhor estavam rasgadas pelas unhas da mãe em cortinas de peles, e o homem estava nu, com as calças caídas aos pés. Quando ele se virou e notou a sua presença, a menina encolheu-se instintivamente, e ainda pôde ver o pénis gordo a baloiçar entre os testículos escuros, a pingar esperma.

O que a assustara mais fora o chicote feito em tiras de couro torcidas em tranças que o homem segurava na mão direita. O relho era um instrumento doloroso quando lançado em animais robustos, pelo que poderia imaginar o que faria a uma pessoa. Hamsha já vira morrer alguns escravos, vítimas daquela arma

aterradora. Quando desviou o olhar, vislumbrou uma perna da sua mãe a pender da cama, e depois o corpo massacrado de feridas abertas, em carne viva. Um corpo despojado de vida.

*Não.*

Uma nova enxurrada de lágrimas desceu dos seus olhos, agora acompanhada por um grito. O assassino da mãe puxou as calças coçadas para cima. Soltava palavrões em idioma milsano e praguejava, culpando a mulher por aquilo que acabara de fazer.

Mas a sua irritação era própria de quem perdera uma cabeça de gado, e não uma mulher. Pegou em Hamsha pela parte de trás do pescoço e elevou-a até a olhar bem nos olhos.

A jovem encolheu-se e fitou o corpo obeso do indivíduo. Suor corria-lhe em bica pelo rosto bojudo. Calçava botas grossas revestidas a lã de ovelha, usava ligaduras de linho em volta dos pulsos e cânhamo grosso envolvia-lhe os braços como braçadeiras. Cabelos longos e negros em tranças baloiçavam-lhe no peito. A pequena Hamsha fechou os olhos, mas eles continuaram a verter lágrimas e a sua expressão cerrada revelava todo o medo que sentia. O hálito quente era rançoso e acre e a sua fisionomia enojava-a. Ela não sabia, mas a partir daquele dia, seria a substituta da sua mãe na tarefa que ela tão bem desempenhara.

Com o passar dos anos, habituou-se. O seu corpo tomara formas ondulantes, o olhar ganhara uma mágoa disfarçada, e toda Hamsha se fez uma nova mulher. Oaskis resistira a todas as suas travessuras, muito porque ela se tinha tornado no seu bem mais precioso. Apresentava-a aos amigos como um prémio de caça, seria a mais lustrosa das suas taças, e todos o invejavam por ter entre o seu espólio aquele cálice sacro.

O corpo do homem modificou-se. A barriga estaria talvez mais avultada, mas os seus braços estavam cheios de estrias, o duplo queixo desaparecera e dera lugar a uma coleção de estandartes de carne enrugada a penderem-lhe pelo pescoço, e o rosto tornara-se velho e ossudo, com uma feia cicatriz acima do sobrolho. Hamsha não sabia porque não se insurgira mais cedo, mas sabia, secretamente, que chegaria o momento da

sua vingança. Enquanto o satisfazia na mesma cama onde ele assassinara a sua mãe, via os olhos orlados de negro do sujeito a fecharem-se de prazer.

Nesse momento, ela sabia o que tinha a fazer. Podia facilmente pegar numa corda e enrolar-lhe o pescoço, asfixiando-o até à morte. Mas isso seria pouco para o que ele a fizera sofrer durante todos aqueles anos. Zeilo Oaskis engravidara-a por diversas vezes e fizera-a abortar, para não ficar ligado por laços de sangue a uma escrava. Hamsha também não o perdoava por isso.

Aquele homem não só lhe matara a mãe, como também os filhos. Ela ainda era jovem, teria toda uma vida à sua frente, mas Oaskis sofria o peso da idade e iria sofrer mais ainda. Muito mais. Certo dia, quando ele dormia, atou-lhe os pulsos e os tornozelos à cama. Saiu do quarto e desceu as escadas, e encarou o resto da colecção de Zeilo Oaskis. Oito mulheres de corpos morenos e esqueléticos, encolhidas no solo, presas por cordas de cânhamo. As suas irmãs de alma. Seriam elas a ajudá-la no que estava a engendrar.

Libertou-as e comunicou-lhes o que tinham a fazer. Usando-se dos seus poucos recursos, mas alimentadas pela esperança da liberdade, seduziram os esbirros do seu dono, que guardavam com lanças a casa de pedra vermelha onde vivia, usando cintos cruzados à cintura, calções de couro esfarrapados e altas polainas de lã. Distribuindo-lhes sorrisos e olhares ardentes, as escravas juravam-lhes que o patrão nunca iria descobrir o seu envolvimento e levavam as pontas dos dedos, tímidas, aos peitos musculados dos guerreiros. Era o interruptor que fazia derreter as armaduras daqueles homens e transformar rostos de pedra em sorrisos lascivos. Nas cabanas de palha onde eles viviam, e seguindo as instruções de Hamsha, as mulheres pegavam nos seus punhais escondidos e degolavam-nos.

Algumas escravas não tiveram sorte, os homens descobriram os seus intentos e foram elas a acabarem mortas, mas quando os sobreviventes entraram na casa do seu amo,

depararam-se com uma nuvem de fumo. No seu interior, estava Hamsha, sentada num sofá de pernas cruzadas, fumando de um cigarro com ar frívolo. Precipitaram-se sobre ela, mas pareceram hesitantes e foram, nesse momento de incerteza, surpreendidos por cordas que lhes envolveram os pescoços e por punhais que lhes trespassaram as costelas. Hamsha arquitetara tudo.

As mulheres tomaram o lugar dos capangas de Oaskis, pegaram nas suas lanças e protegeram a habitação o tempo suficiente para que Hamsha pudesse consumir a sua vingança. Ela torturou o homem que tanto mal lhe fizera com os métodos mais selváticos.

Com os lábios trémulos de vômito e o corpo coberto de pequenos insectos alados, Oaskis contorcia-se de dor. Perguntou-lhe quando é que ela o ia matar. Mesmo a ouvir os gritos das suas irmãs de alma lá fora e com a consciência de que algo de errado se passava, Hamsha precipitou-se para ele e disse-lhe ao ouvido:

— Oh, meu amo, não sou mulher de guardar mágoa!

Enterrou-lhe um facalhão no estômago e susteve-lhe a ferida, sabendo que seria fatal, mas que antes do último suspiro lhe estariam reservadas horas de muito sofrimento. *Nada comparado ao que ele me inflingira*, pensou. Lamentou-se de não poder fazê-lo sofrer ainda mais. Pouco depois, entraram por aquele quarto vários homens de rostos escuros e feios, e de entre eles surgiu um homem esguio e relativamente novo, com um velo sobre os ombros e pernas envolvidas por cintos de couro. Era Felio, o sobrinho do homem que agora matava. Pegou em Hamsha por um braço e depois de lhe partir as costelas e uma perna, levou-a como sua, e o mesmo fez às suas irmãs de alma.

Durante muito tempo, Hamsha não foi mais que um animal. Era vendida, usada, conspurcada, e depois livravam-se dela, cansados dos problemas que conseguia sempre arranjar. A escrava era dotada de um poder de sedução inegável e quando aparecia, uma aragem fresca brindava quem a contemplava,

mas apesar de todo esse fascínio, a partir de certo momento os donos fartavam-se dela. Fazia estragos nas tarefas domésticas, era açoitada e revoltava-se. Por muito que a tentassem subjugar, Hamsha era um animal indomável, e a única coisa em que era realmente boa, era no que fazia na alcova. Mesmo assim, as tentativas de evasão, os comentários maldosos e as querelas provocadas pelas suas intrigas faziam dela um perigo público. Quando ficou famosa pela sua sensualidade, foi levada para estritos círculos libertinos, onde a faziam dançar para os homens, mas quando a tentavam tocar, ela era agressiva, e acabava novamente nos mercados, a preços altíssimos graças ao seu aspecto voluptuoso e modelar.

*Até Hymadher.*

Ao ver pela primeira vez aquele príncipe, não soubera quem ele era. Estremecera da cabeça aos pés com o seu vislumbre. Era, obviamente, alguém poderoso, a cor de pele revelava que vinha do norte e, no fim de tudo, era bonito. Pelo menos, não tinha a pele gordurosa dos últimos donos, não tinha ondulações na barriga, aqueles olhos tinham o seu quê de afável, e de imediato registou o seu interesse. Sentia o seu grande potencial como dono, sentia que ele podia afastá-la das terras que lhe tinham infligido tanto sofrimento.

De punhos presos a grilhetas enferrujadas e no interior de uma jaula, enclausurada como um animal, ela lambeu o ouvido ao seu dono, um pateta obeso com as orelhas lascadas. O homem deu-lhe uma pancada que a fez sangrar do nariz, sangue quente e escuro que lhe escorreu como mel até aos lábios, mas essa violência só despertou ainda mais o interesse do suposto comprador. Fixou os olhos dele, e não mais os largou. A sua astúcia dizia-lhe para parecer meiga, o seu orgulho para ser ela própria. As negociações demoraram vários dias, mas pareceram-lhe meses. No fim, Hymadher ficou com ela. Hamsha não conhecia a sua identidade, mas ele apressou-se em dissipar-lhe as dúvidas.

— Sou de uma das famílias mais importantes deste mundo e do outro, minha jovem.

A abordagem fora gentil, Hymadher não a chicoteara nem a esmurrara como era hábito dos seus proprietários assim que ela soltava um comentário mais impróprio. No princípio, parecia mais interessado em interpretar o seu olhar do que propriamente em perder-se nas curvas do seu corpo, o que a desassossegou, mas quando ele a tocou pela primeira vez, com as mãos calejadas de dedos compridos a passarem-lhe pela fina penugem do ombro, Hamsha foi acometida de um arrepio agradável, e ali soube que ele era homem como todos os outros, e que queria o mesmo que todos eles, afundar-se no seu corpo esguio.

Surpreendendo-a, o príncipe perguntou-lhe se sabia cozinhar. A pergunta agitou-a, e por momentos receou que ele se arrependesse de a ter comprado. Mas se isso era importante para aquele homem, decerto teria inquirido o seu anterior dono. Meio incerta no que responder, decidiu omitir a verdade. Hamsha era um verdadeiro desastre na cozinha, uma das razões por que muitos donos se quiseram livrar dela, influenciados pelas esposas, quando percebiam as verdadeiras potencialidades daquela escrava.

— Sou aquilo que o meu senhor desejar — respondeu de cabeça baixa, algo invulgar na sua postura.

Não sabia porquê, sentia que qualquer atitude menos submissa seria tomada como um agravo para o seu novo amo e, naquele momento, algo lhe murmurava na consciência para não o afrontar. Passaram alguns minutos a discutir sobre culinária: sopa de lentilhas, massa de espargos, até ao mais rústico arroz barrento típico de Mils. Hymadher não precisou de muito para perceber que ela nem conseguia distinguir um aipo de uma curgete. Todavia, ele apenas pareceu divertido com isso.

Nessa tarde, ofereceu-lhe um vestido. Era seda miseriana, verde, cheia de brilhantes. Hamsha não se viu ao espelho, mas podia jurar que a sua expressão seria de total estupefacção. Nunca lhe tinham oferecido um vestido daqueles, e nem entendia o que o seu novo senhor queria com aquilo. Jantaram juntos, numa pensão

## SEIS

*Hyldegard*

**A**RAINHA Ezzila ergueu o olhar por cima do ombro. À luz ténue da lua em forma de corno, pôde contemplar o Palácio de Alabastro, erigido no alto de um elevado talude de rocha com toda uma exuberância de arcobotantes, cabeceiras e peristilos. Depois, pegou na mão de um escravo para subir à liteira. Selenya, a sua jovem e doce protegida, e Melyna, a ácida camareira de nariz empertigado, subiram depois dela. Seis escravos ergueram a bela padiola sobre os ombros. Era de nogueira envernizada, coberta por longas cortinas de seda lilás.

— Avancem — ordenou.

A noite quebrara-se sobre Hyldegard num tom de azul-escuro e violeta. Ouvia o som dos pássaros que palravam à sua volta e o tamborilar dos pingos ténues nos beirados. Os escravos avançaram em marcha lenta, acompanhados por uma composição de oito guardas.

— Não quero que entrem na Mansão — disse Lazard Ezzila sem rodeios, ao cheirar a curiosidade que jorrava dos olhos das aias. — Há muito tempo que não entro naquela casa, e há toda uma penumbra sinistra a envolver aquela gente. Entrarei com alguns guardas, mais não será necessário.

— Sua Alteza, tem a certeza? — perguntou Selenya, ao que se arrependeu de imediato. — Perdão, não tinha a intenção de contestá-la...

Ezzila concertou-se nas almofadas e fez um pequeno assentimento com a cabeça. Se havia alguém a quem podia perdoar uma contestação, era à sua querida Selenya, a mais fiel e dedicada das suas companheiras. Não tinha, porém, humor para o verbalizar. Era uma mulher que dificilmente admitiria um erro, da mesma forma que seria improvável vê-la a perdoar uma traição. Lançou um olhar de relance a Melyna, que permanecia calada, muito embora parecesse ligeiramente satisfeita com o equívoco da rapariga.

— Não tenhas medo, Selenya. Os assuntos que me levam à Mansão não devem demorar — disse. — Ainda assim, a prudência envia-me a estas horas, porque os rumores da minha ligação à Sociedade Sem Voz não devem ser alimentados.

A aia fez sinal que compreendera. Ezzila voltou a olhar para Melyna.

— Confio que sejam discretas a esse respeito.

A rapariga ergueu o queixo com petulância e fixou o olhar em Selenya, como se fosse a menina o principal perigo de uma fuga de informação.

— Sua Graça, esteja descansada. Selenya é inexperiente, mas terá tento na língua.

*Não é com Selenya que estou preocupada*, pensou Ezzila. Ainda assim, absteve-se a qualquer comentário. Soltou um longo suspiro e decidiu preencher o silêncio com uma explanação.

— O meu pai pertenceu à Sociedade Sem Voz. Quando cheguei a Hyldegard, também fui iniciada na confraria. No início, assustou-me. Os seus rituais eram, no mínimo, estranhos. Frequentavam-na famílias poderosas, cujas doações avultadas patrocinaavam a manutenção da Mansão e dos seus agregados, mas não fechava a porta aos membros menos abastados. A escassez de associados fez a Mansão estender a rede aos mais pobres, que podiam pagar o vínculo através de géneros. Compreendi pouco a pouco como funcionava. A História da

Sociedade Sem Voz confunde-se com a própria História de Hyldegard. Surgiu no ano de 149, por iniciativa de uma trupe que fugia da perseguição religiosa. Tinham o seu próprio credo, e cantavam-no como artistas itinerantes. Por intermédio de um importante mecenas da época, conseguiram um alvará do rei que lhes concedeu autorização para as actividades ocultas, desde que se mantivessem discretos.

— Hereges — cuspiu Melyna, com desdém. Selenya censurou-a com o olhar, mas Ezzila não lhe deu importância.

— Chamavam-na Sociedade do Grande Anoris e acabou extinta por decreto real em 163, voltando a ver a luz do dia três anos mais tarde por ordem de Allan II, que exigiu uma série de contrapartidas, entre elas o pagamento de uma jóia à Coroa e uma taxa fixa de quarenta zallaris de ouro por ano. A perseguição manteve-se ainda assim. As suas crenças são uma deturpação da religião terrapardiana, acreditam que Anoris foi a manifestação física de Aan, o pai dos deuses, que desceu à terra para afastar os demónios. Para a Sociedade Sem Voz, os Homens Demónio eram soldados do Qaos, peões dos infernos, criaturas que respondem às directivas dos akhamay. — Soltou um suspiro. — Eu própria nunca fui fiel a qualquer religião, Melyna. Conheci muitos deuses para acreditar realmente em algum deles.

Pelas cortinas, vislumbravam as ruelas íngremes de pedra, as casas de cal e pedra e telhados de colmo, em quatro águas. Ao fundo de uma rua sinuosa ficava uma sumptuosa mansão de dois andares. Era um edifício construído em tijolos amarelos, com um telhado amplo de lousa. À fachada da mansão ficava uma divisão esguia correspondente a uma sala de recepção e cujo reforço de contrafortes sustentava uma aparatosa cúpula branca feita em pedra. Ezzila quase se tinha esquecido de como aquele lugar era inquietante. Tinha-se passado muito tempo desde a última vez que ali tinha entrado. Uma pequena escadaria de dez degraus precedia um par de portas em acácia, bordejada por duas colunas cilíndricas em granito e coroada por um frontão em forma de garras.

A rainha soltou um grito que soou ao som de um chicote e os seus escravos pararam, fazendo descer a liteira e ajudando-a a sair. Dois guardas fizeram-lhe uma curta medida e ladearam-na a caminho da escadaria. Ao sinal de um deles, quatro guardas seguiram-nos, ficando os restantes com os escravos, as aias e a liteira. À sua proximidade, a porta dupla rangeu e abriu-se. Lazard Ezzila estacou e os seus guardas fizeram o mesmo. A figura que os recebeu era um homem velho e mirrado, com uma longa cabeleira grisalha a ocultar-lhe uma cicatriz junto ao queixo e uma longa casula de seda forrada a zibelinas a cobri-lo. O homem semicerrou um olho, ergueu as longas mãos enrugadas e abriu um sorriso rasgado.

— Minha querida, há muito que te aguardo.

Ezzila estremeceu, mas dirigiu-se ao indivíduo com uma expressão fechada. Ele pegou-lhe com mãos frias e encaminhou-a para o interior do edifício, não se demorando sequer com os guardas que os seguiam. Quando entraram na mansão, as portas fecharam-se abruptamente.

A sala de recepção era impressionante, um luxo insólito em zona tão afastada do palácio. As paredes em xadrez preto e branco em mármore brilhavam de tão lustrosas, e o tecto em abóbada era coberto por espelhos. Ezzila ergueu o olhar para cima e viu o seu reflexo completamente distorcido. A sala era ocupada por quatro homens para além daquele que os recebera. Uma comprida mesa coberta por exuberantes frutas cristalizadas estava encostada a um biombo dourado, e aí, sentado num cadeirão de marfim, encontrava-se um homem gordo e calvo, de aspecto indolente. Mantinha o olhar papudo preso na mesa, baloiçando a cabeça vagarosamente de um lado para o outro, como se estivesse hipnotizado com a fruta com que brincava com os seus dedos inchados.

No outro lado da sala, dois guardas de ossos robustos olharam-nos com rostos crispados. Estavam vestidos com estonteantes mantos cobertos por zibelinas sobre cotas de malha de aço e couro fervido. Coifas em anéis de aço

guarneciam-lhes as cabeças robustas, cujos semblantes transpiravam experiência e alguma idade. Estavam encostados a uma das paredes, a cochichar, e mantinham as mãos bem seguras nas empunhaduras das suas espadas.

O quarto indivíduo estava sentado de pernas cruzadas no solo de padrões pretos e prateados, com a cabeça baixa entre elas, junto a uma porta de mármore. Tinha um barrete negro bifurcado com dois guizos que tilintavam ao toque. Vestia uma veste de pregas amplas, em losangos pretos e brancos. Quando ergueu a cabeça, Ezzila viu que também o seu rosto era pintado do lado esquerdo de branco e do lado direito de negro, numa posição inversa à do barrete. Um arlequim. Era um homem velho, com profundos olhos negros que pareciam cansados, um par de lábios estriados e ressequidos e uma barbela flácida sob o queixo. Ao perceber a presença de Ezzila e dos seus guardas, ergueu-se.

— Minha senhora! — exclamou, aparentemente estonteado com a sua presença. Fez-lhe uma vénia. — Muito me agrada a sua presença. Há muito que a esperávamos.

— Lynkos já mo havia comunicado — respondeu com a força de um aríete. *Fortaleza Humana*, chamavam-na.

O velho arlequim trocou um olhar cúmplice com o idoso chamado Lynkos. O olhar de Ezzila fuzilava a porta de mármore por detrás do indivíduo.

— A tua presença é muito acarinhada na Mansão, minha querida — confessou Lynkos. — Chegámos mesmo a pensar que nos tinhas virado as costas.

Ezzila olhou-o de lado por baixo de uma sobranceira vermelha. *Garras gélidas*.

— Nunca virei as costas ao meu povo. Essa é uma acusação que nenhum homem de Hyldegard tem autoridade para me apontar.

O arlequim inclinou ligeiramente o tronco e ergueu os braços.

— Tenho a certeza de que Lynkos não quis...

— Onde está Caiffat? Preciso de falar com ele — interrompeu.

Lynkos e o arlequim entreolharam-se.

— O delfim está nas cerimónias, Excelência!

Ezzila colocou-lhe uma mão sobre o ombro e indicou-lhe que lhe saísse da frente, mas o arlequim parou-a com uma mão abaixo do peito.

— Sentyr...

— Minha senhora.

O olhar de Ezzila fuzilou o homem.

— Guardo estima e respeito pelas vossas acções, Sentyr. O meu pai passou-me os vossos valores e crenças, mas a minha responsabilidade como governante desta espada foi-me afastando gradualmente do vosso caminho. Assim como nunca movi um dedo contra as vossas acções, e ocultei muitas delas, exijo que respeitem a minha autoridade.

— Devias dizê-lo ao teu esposo, minha linda — interrompeu o velho Lynkos, e ela volveu o olhar para ele. — O lorde camareiro violou a Mansão.

Aí ela virou-se para o velho, e o seu olhar luziu de curiosidade.

— O que fez Amarion?

— Não sabe? — perguntou Sentyr, verdadeiramente surpreendido, mas quem lhe respondeu foi Lynkos.

— O lorde camareiro abordou Caiffat sobre recrutar membros da Sociedade Sem Voz para a sua polícia privada. Ele recusou e o seu esposo passou pela espada um jovem fiel.

Ezzila arqueou a testa.

— Amarion seria bem capaz de o fazer. Mais uma razão válida para falar urgentemente com Caiffat.

Os dois velhos voltaram a entreolhar-se, relutantemente, e os guardas da Mansão, que escutavam atentamente a conversa, pegaram com mais força nos punhos das suas lâminas. Sentyr, o arlequim, voltou a cabeça para eles e indicou:

— Muito bem, abram-lhe a porta.

## SETE

*Welçantiah*

**W**ELÇANTIAH queimava. A visão tornara-se turva e os homens que vigiavam a muralha pouco mais podiam distinguir do que os contornos roliços das montanhas lá ao longe, agora oscilantes e fantasmagóricos. O mar transparente que ondulava pelas estepes era o produto do calor acentuado que no auge da tarde atingia todo o sul de Terra Parda.

Nas ameias triangulares das muralhas exteriores, uma centena de guardas vestidos de camisas encarnadas e curtos lorigões de couro até aos joelhos respondia metodicamente às instruções dos seus capitães, os Olhos de Welçantiah. À sua ordem, as sentinelas, minuciosamente bem posicionadas, erguiam as babeiras dos capacetes de bronze de cristas vermelhas, limpavam o suor dos rostos e beberricavam dos seus odres, mas a modorra daquele dia calmo e quente só lhes dava vontade de ir para casa e dormir sobre as redes. Ali, nada acontecia.

De cócoras, Ramez Rift viu o superior a arrancar da cabeça o capacete e um emaranhado de compridas melenas loiras a colarem-se-lhe ao rosto. O seu cabelo teria sido meticulosamente bem cuidado, de uma cor do ouro à luz da Estrela Flamejante, mas as longas franjas que lhe ladeavam os olhos começavam já a embranquecer. Apesar de estar há pouco tempo às suas ordens, conhecia bem aquele semblante

comprido e envelhecido, manchado pela vida. Con Tellear era um dos Olhos de Welçantiah, guerreiros de longa visão que, pela sua destreza e perícia, foram destacados pelo Alto Comando do Exército do Único Corno para dirigir a vigia aos portões da fortaleza. Um homem robusto e imponente. Tinha um olhar amigável, mas a sua expressão férrea parecia nunca se aligeirar. Dizia-se que fora destacado para as primeiras patrulhas na Muralha de Myok e estivera lado a lado com Ameril Ozilliar III nas primeiras grandes guerras da campanha mahlan. O soldado hesitava quando se via perante o seu capitão. Havia naqueles olhos esverdeados algo de místico, profundo e marcante.

Quando Con Tellear se sentou no chão de pedra e puxou de uma sacola, o seu olhar sugeria preocupação. Ali perto, dois guardas desviaram a sua atenção, cantarolando, assobiando e gracejando sobre mulheres. Ramez sentiu que o capitão queria ignorar o linguajar ofensivo dos seus homens, mas não achou por bem fazê-lo. Foi apenas necessário que Tellear pousasse sobre os dois o seu olhar incisivo para que eles se contivessem. Todos nutriam por aquele indivíduo um profundo respeito.

Tellear removeu da sacola um embrulho de couro sulcado e descosido pelo tempo, soltou-lhe as amarras e desdobrou-o para desvendar três pães de aspecto duro e bolorento. Com o olhar, fuzilou-o.

— Meu s... senhor! — titubeou.

Tellear aligeirou a expressão facial e indicou com a cabeça para que se sentasse. Rasgou um bocado de um pão e barrou o miolo com manteiga de Paos que conservava num boião de barro.

— Queres? — perguntou.

O soldado fez que não com a cabeça, mas temendo faltar ao respeito àquele homem, acabou por se precipitar para a frente e aceitar a generosa oferta.

— Há quantos meses estás na muralha, Ramez?

— Dois, senhor!

— Estás às minhas ordens há dois longos meses e, no entanto, pouco sei sobre ti. De onde és?

— De Suspiro Dourado, senhor.

Tellear ergueu ligeiramente os lábios num meio sorriso.

— Porque é que não te candidataste à fronteira, soldado?

— Por... porque... — As palavras não queriam sair. — Porque o meu pai sempre fez questão de que eu um dia me tornasse um Olho de Welçantiah, senhor. Cheguei a alistar-me no exército, mas surgiu esta oportunidade de vigiar as muralhas da fortaleza. Sabe, eu sou novo, mas já tenho mulher e filhos, e ir para a guerra iria afastar-me deles para sempre.

— Compreendo — respondeu Tellear, com o olhar cravado no solo. Mastigava vagarosamente o seu pão.

Mas Ramez Riffit ainda não tinha acabado.

— E, permita-me a indiscrição, ouvir falar das suas façanhas no exército trouxe-me muita inspiração. É uma honra privar consigo, capitão.

— Tenho a certeza de que muito do que se fala sobre mim é exagerado, soldado. Tens mais honra no teu propósito do que eu algum dia tive.

Ramez estava confuso.

— Não diga isso, capitão.

— Alistares-te no exército para honrar a bandeira vermelha de Welçantiah é um propósito nobre, rapaz. Mesmo que te tenha sido incutido pelo teu progenitor.

— E não foi com esse mesmo propósito que o meu capitão enfrentou centenas de mahlan, não é esse mesmo propósito que o capitão nos incute dia após dia?

— Aprendi a amar as minhas bandeiras, rapaz. Adaptei-me ao ofício. Mas palavras ornamentam as canções e tornam heróicos e belos os nossos feitos. Na verdade, alistei-me no exército porque o meu pai espancava a minha mãe. Quando tive uma arma em minha posse, regresssei a casa e matei-os aos dois. Ela pôs-se à frente dele para o proteger, e pagou um caro preço por isso. E acredita, muitos dos homens que se encontram

na fronteira não passam de cabeludas rameiras procurando expiar os espectros do seu passado. O amor à bandeira, quando é vivido verdadeiramente, aparece muito, muito depois. Se é que o chegam a sentir um dia.

O soldado sentiu o suor a escorrer-lhe pelo pescoço com mais intensidade, depois da amargurada confissão do seu capitão. Tellear ergueu-se.

Meio inebriadas, algumas sentinelas juraram ver algo a emergir do vale entre as montanhas, mas as restantes soltavam gargalhadas e troça, e diziam que o calor lhes estava a fazer mal à cabeça. *Ou seria o conteúdo dos seus odres?* No entanto, não estavam baralhadas. Dos efeitos ondulados do calor, assomou um grande cavalo castanho, montado por um cavaleiro de elmo emplumado e armadura prateada. As trompas soaram e Tellear ergueu-se instintivamente.

— À guarda — gritou, na sua voz trovejante. Tinha o cabelo a saltar-lhe pelos ombros.

Os homens redobraram a atenção e, à sua semelhança, pegaram nos mosquetes. Tellear indicou:

— À minha instrução.

Ramez viu-o a carregar o mosquete com invólucros de tormento negro e a puxar o percussor da arma. Fez pontaria ao alvo, equilibrando o cano de madeira com dedos expeditos. Com o indicador, acariciou o gatilho e deslizou a outra mão pela culatra flanqueada com latão embutido. O jovem imitou-lhe os procedimentos. Os soldados apertavam as cabeças dos percussores e seguiam o ritual padrão. Mosquetes eram colocados nos merlões da muralha, preparados para disparar.

Os dedos vacilavam, porque os homens estavam ansiosos por ouvir o som do disparo, o silvar cortante das balas a riscarem os ares cercadas por nuvens de fumo e misturarem-se com a poeira, terminando alojadas no corpo do adversário. No entanto, o cavaleiro retirou da cintura um longo cabo e, ao desenrolá-lo, hasteou uma bandeira com uma pena branca

## OITO

**A** MERIL Hymadher decidiu receber o el'ak às portas do palácio. *Que resposta me trará este emissário?* Era, certamente, uma réplica positiva de Dyekken Jacoh ao seu pedido de auxílio. Se ele se dignava a enviar-lhe uma resposta, só podia ser positiva. A expectativa de uma aliança fermentou no seu peito.

Os passos de Hymadher eram seguros, viris e rápidos, mas não tão rápidos que revelassem a ansiedade ou a excitação juvenil que o mordiscava por dentro. Duas dezenas de escravos empurraram as grandes portas em calcário e ouro maciço, para que o rei saísse para o exterior. Seguia-o um séquito de homens armados de alabardas e arcabuzes, cerca de vinte guardas com elmos de bronze e coletes de anéis.

— Um el'ak — sussurrou entredentes.

— Uma ameaça visível — grunhiu Dane à sua esquerda.

— Respaldada pelo poder que Dyekken angariou no leste.

— Ou talvez uma oportunidade — disse Hordy Mool à direita do rei. Cofiou o queixo como fazia sempre que matutava em algo. — A oportunidade de uma aliança.

Hymadher fez que sim com a cabeça. Mool dava voz à sua esperança, como se tornara comum. Dane curvou a cabeça sem alimentar o diálogo. Transpuseram o portal e passaram sob um pórtico, por entre um par de pilares poligonais que o suportavam, preches de inscrições antigas e relevos na forma de serpentes emplumadas. Um sopro de vento quente presenteou-lhes os rostos com um impacto surdo.

À sua frente, desdobravam-se chapéus de palha abertos, duas dúzias de escravas guarnecidas de leques e enxota-moscas, e mais de meia centena de nobres ocupavam o largo átrio que separava o pórtico da longa escadaria de calcário.

Hymadher lançou o olhar para Gedwinn, o Rei Pastor, cujo rosto esculpido no pórtico mantinha-se pétreo e inexpressivo, marginado por um par de compridas asas. *Dai-me coragem*, pediu-lhe mentalmente, quando o deel Odd-Mai lhe ofereceu uma medida e lhe indicou um lugar de destaque devidamente protegido pelas sombras dos chapéus. Era um trabalhado cadeirão de ébano e marfim com adornos em pasta colorida, e havia também um supedâneo para os pés. Quando Hymadher o ignorou e lhe fez um gesto para que se afastasse, o deel encolheu os ombros, fazendo mover os elaborados brincos de ouro que representavam cenas familiares nas suas orelhas. Ladrou meia dúzia de ordens aos escravos mais próximos e sentou-se numa cadeira dobrável por baixo de um dos chapéus, consertando a touca de lantejoulas da qual se derramava um par de tranças negras e sebosas.

A reluzir de dourado, o Palácio Real do Unicórnio fervia sob os raios fortes da Estrela Flamejante. Hymadher desceu os degraus, ladeado por espaldares de calcário nos quais se erguiam estátuas e archotes. Encontrava-se a dez degraus do fundo da meia-pirâmide em que o palácio fora erigido, quando se deteve. Dois guardas flanquearam-no, colocaram os arcabuzes sobre os ombros e fizeram mira para o horizonte.

Uma marcha compassada cantou a sua chegada pela Via Quente, seguindo o traçado original de uma antiga calçada de pedra. Acompanhavam-nos véus de calor, que ondulavam à vista do rei, transparentes e pulsantes. Con Tellear comandava o cortejo organizado de guardas de camisas vermelhas, que escoltavam o mensageiro com as cunhas das lanças Ameril e os canos dos mosquetes. Atrás deles, populares atraídos pelo cheiro a novidade caíam na Praça dos Unicórnios como moscas. Ao se depararem com a imponente escadaria e com a

real recepção, Tellear endireitou o tronco, alinhou-o com os braços e fez-lhe continência.

— Meu Príncipe!

— Descanse — ordenou Hymadher.

Tellear retirou o capacete da cabeça, colocou-o debaixo do braço e levou um joelho ao solo. Os restantes guardas repetiram o procedimento, mas o homem ao centro permaneceu inerte, de pé, a fitar Hymadher.

— Nosso senhor Ameril Hymadher — disse Tellear — trazemos connosco um embaixador da espada de Torre das Harpas que alega possuir uma mensagem para Vossa Alteza.

Hymadher endureceu o rosto e desceu dois degraus.

— Ajoelha-te! — indicou um dos guardas ao emissário, mas este não se moveu. Ao invés disso, abriu a babeira do elmo.

Sob os gritos da multidão, o el'ak levou a cabeça acima do ombro e fitou com desprezo o guarda que o abordara.

— Não devo vassalagem ao vosso rei, e não me vergo perante nenhum homem de sangue branco. — As suas palavras eram proferidas suficientemente alto para que muitos as ouvissem e enchessem a praça de um impacto ensurdecedor como réplica.

Virou o olhar para a frente e com ele encarou o rei.

— Nobres palavras, sem dúvida — proferiu Hymadher com ironia.

Dois guardas levantaram-se e pegaram no el'ak pelos braços, enquanto dois outros davam-lhe joelhadas nas dobradiças das pernas, obrigando-o a prostrar-se. Adilar soltou um grunhido quando foi conduzido ao solo.

— Arrgh!...

— Parem. Não quero que digam que recebemos com violência os embaixadores estrangeiros. Somos um povo civilizado. No entanto — prosseguiu Hymadher, caminhando sobre os degraus —, se o que me dizem sobre a vossa identidade for genuíno, parece-me que, de facto, te vergais perante um sangue branco. O próprio Dyekken Jacoh, vosso suserano, tem

## NOVE

**S**ENTIA o líquido a embranquecer-lhe o cabelo, a derramar-se pelas costas e por entre os seios. As termas reais eram um júbilo para Hamsha. Sentada num enorme tanque a brotar de vapor, a consorte do rei recreava-se com o leite quente que as escravas lhe despejavam cuidadosamente sobre os ombros, a partir de um grande recipiente cuja boca tomara a forma à cabeça de um flamingo. Sentia o leite a escorrer-lhe pelas cicatrizes, sendo as marcas de ferrete aquelas que mais lhe doíam. Faziam-na estremecer, mais pelo rasto de memórias cruéis que traziam consigo do que pelo contacto com a pele.

Incomodada com as lembranças, Hamsha abriu os olhos e ergueu-se, contemplando a fusão do leite com a água que lhe dava pela cintura. Em volta do tanque, o solo e as paredes de mármore revelavam nos seus frescos cenas de guerra, batalhas dos tempos em que os Homens Demónio dominavam Terra Parda e os humanos lutavam, reclamando-a para si. As espadas cintilantes eram pintadas de vermelho, reflexo da luz crepuscular da Estrela Flamejante, do fogo que as forjara, ou do sangue que as alimentava. Por momentos, Hamsha sentiu-se a viver aquela história. Cerrou uma vez mais as pálpebras, mas o prazer que antes desfrutara dava agora lugar a um outro sentimento.

Raiva.

Frustração.

*Sangue.* Dois olhos negros como a noite fitaram-na e uma boca coberta de vermelho cintilava para si, engolida pela penumbra. O líquido que enchia o tanque perdia agora a coloração transparente, ficava vermelho-escura e ondulava com mais intensidade, com maior volume. Galopava para si.

*Sangue.* Borbulhas de sangue, vagas de sangue, gorgolejos demoníacos, gavinhas de sangue a emergirem e a ameaçarem engoli-la e estrangulá-la. Hamsha sentiu todo aquele sangue a subir-lhe à garganta, a respiração faltou-lhe subitamente e sentiu-se a asfixiar, a afogar-se em sangue. Correntes de sangue irradiavam dos poros da sua pele.

E então, o inferno cessou.

Uma das escravas que a escovavam segredou-lhe algo ao ouvido, fazendo-a despertar de um estado de transe. A água do tanque parecia agora tranquila e translúcida.

— Obrigada! — disse com sinceridade.

As visões tornavam-se cada vez mais frequentes, e isso inquietava-a, mas tentava convencer-se de que se tratava de cansaço. *Só cansaço.* Acariciou os cabelos à escrava e, após um pequeno momento de hesitação, saiu elegantemente pelos degraus de marmorite. Hamsha exibia orgulhosamente os seios sólidos, com mamilos cor de chocolate ligeiramente voltados para as laterais, um par de ancas que meneava com sensualidade a cada passo e uma área genital revestida por uma leve penugem negra.

Acercaram-se dela dois escravos grandes e musculosos, de pele cor de açafão e longas barbas escuras e espessas. Um deles trazia consigo uma toalha de linho, com a qual limpou delicadamente cada pedaço da sua pele. Após concluída a sua tarefa, o outro ajudou Hamsha a vestir um longo roupão de cetim branco com delicadeza e a calçar umas refinadas sandálias de couro. Com mais de dez metros de altura cada, as amplas portas de acácia silvestre eram defendidas por dois membros da guarda imóvel. Com a aproximação da mulher, os dois guardas afastaram-se e abriram-lhe passagem sem que ela lhes deitasse um relance.

Hamsha entrou num amplo corredor. Num comprido e polido banco de carvalho nobre, um par de moças com exuberantes vestidos rendados acotovelavam-se e riam-se com excitação. O olhar da mulher voou até ao fundo do corredor, onde uma altíssima janela de lanceta iluminava a galeria, ladeada por uma estatueta da deusa Amável do lado esquerdo e pelo busto em arenito de Ameril Hymadher numa meia-coluna à sua direita. Acima deles, as chamas de duas elegantes velas de cheiro estremeciam como donzelas. A luz do dia entrou obliquamente através da janela, espalhando colunas de pó pelo corredor. Hamsha cruzou a tapeçaria e percebeu quem era o homem que a esperava junto à janela.

Ameril Goròn.

Apertou o roupão contra o peito.

O aleck do rei trajava um manto com o unicórnio de Welçantiah às costas, e sobre a cabeça repousava-lhe a mitra de topo chato. Os seus olhos fitavam, para lá da janela, um dos vinte e cinco pátios do palácio, jardinado com elegância.

— Goròn! — abordou a mulher, fazendo-o virar-se vagarosamente para si. — Meu querido cunhado.

Ele sorriu-lhe em resposta, flectindo ligeiramente o joelho direito em reverência, e Hamsha registou um fulgor possessivo a cintilar no seu olhar enigmático. A parte da frente do manto revelava um brocado de ouro e um par de mangas enchumaçadas de seda tecida, que nos pulsos desvendavam os folhos rendados da camisa interior.

— Temos assuntos a tratar! — O seu tom era melancólico.

Hamsha olhou em redor, verificando que não eram escutados, e puxou para a cabeça o capuz do longo roupão de cetim.

— Agradeço-lhe que seja discreto. As paredes do palácio têm ouvidos.

— A discrição é o meu ornato, minha querida! — respondeu Goròn. — Ainda você era uma simples escrava, já eu tinha diploma em intriga de corte.

Hamsha soltou um grunhido de reprovação por ele a fazer lembrar-se do seu passado plebeu.

— Vá directo ao assunto — exigiu.

— É preciso tomar uma atitude em relação ao meu irmão. Espadas poderosas caíram nas mãos de homens de coração quente. Hymadher age com o coração, quando um rei deve actuar com a cabeça.

— Fala da Questão Mahlan? — alvitrou.

— Falo de tudo. Hymadher não revela capacidade de resposta a nenhum quesito real. — A entoação roçava o pesaroso quando os seus olhos gelados pousaram sobre ela. — Ultimamente, a Alta Espada do Único Corno tem perdido poder aos olhos estrangeiros. Quando o nosso pai era soberano, todas as outras fortalezas viam Welçantiah como a potência máxima de Terra Parda. A Espada sobre as Espadas. Tínhamos total influência sobre as restantes. Podíamos pôr e dispor, que todos nos prestavam vassalagem. Agora, somos iguais. Tirando Cordilheiras Bravas e outras comunidades menores, os restantes detêm praticamente tanto poder quanto nós na administração de Terra Parda. Está na altura de mudar isso.

— Não seria sensato discutir essa questão com Hymadher? — sugeriu Hamsha. Quando Goròn pousou a sua mão sobre a dela, Hamsha sentiu-lhe os dedos gelados como um cadáver e retesou-se.

— És muito ingénua, minha querida. O problema está em Hymadher. Ele trata todos com respeito, de igual para igual. Qualquer dia, ajoelha-se perante as outras espadas. Aquela que foi a primeira capital dos humanos, o primeiro trono de um rei humano em Terra Parda, ainda Hyldegard era domínio dos Homens Demónio, será relegada ao esquecimento.

— Hymadher é um bom rei.

Goròn riu-se.

— Um bom rei que se arrisca a perder toda a hegemonia de Welçantiah. Conquistámos ao longo dos séculos imensos territórios, conquistámos as Cordilheiras Bravas, arrebanhámos

grande parte das Terras Quentes a ferro e fogo, mas claro, Hymadher tinha de estragar todo o domínio. Parafraseando o meu querido pai: *perdemos terras a sul que não devíamos ter perdido.*

Hamsha esboçou um sorriso trocista.

— Ouvi dizer que foi você quem perdeu terras a sul...

— O meu pai nomeou-me vice-rei de Irenela, mas o que ele quis foi manter-me afastado de Hymadher. Daan'í'laya, a irmã do imperador, encarregou-se de organizar uma conspiração para me eliminar. Nunca gostei da princesa das cigarras, uma sodomita execrável, mas ela foi mais esperta do que eu, sou obrigado a confessar. Renunciei ao cargo e fugi com o rabo entre as pernas. Não é uma recordação que me envaideça. Muitos dos meus homens foram mortos na fuga por maças, lanças e espigões. Os irenes reclamaram independência total a Welçantiah e seguiram-me durante longas milhas de território. Escondi-me na Floresta Toloiana e miraculosamente cheguei intacto a Manticora, que fora prometida ao meu irmão desde o seu nascimento. Hayd Jak, primo do meu pai nomeado alto-vizir dois anos antes, mantinha a imperatriz sob vigilância. Manticora, e principalmente a imperatriz Doki, esperavam ansiosamente por Hymadher há anos. Os relatos do príncipe guerreiro deixavam todos fascinados. Deves imaginar que, ao verem o irmão do seu prometido aos portões, abriram-me os braços e receberam-me com pompa e circunstância. Alguma vez foste a Manticora, Hamsha?

Ela não gostava de se lembrar da sua vida no sul. Manteve o olhar fixo na janela.

— Eu vivia nos desertos, Goròn. — No fundo, ele soube que a afirmação dela era uma metáfora para: *Eu era escrava, Goròn.* — Nunca entrei na grande floresta, mas conheci manticoros e miserianos, e os relatos que ouvi eram de coisas maravilhosas e belas.

— Ouviste bem, Hamsha... Sedas, ouro, rubis, granadas, esculpidos, jardins suspensos, zigurates, edificações

monumentais que deixam este palácio na sombra. Um clima tropical sedutor. Mas Hymadher andava mais para sul, a travar guerras para conquistar terras inúteis. Para quê? Tomava as terras com o mínimo de mortes, levava alguns homens como escravos mas libertava as mulheres e as crianças. Quando finalmente chegou a Manticora, plantou a sua semente em Doki e regressou a Welçantiah para governar. E o meu pai sempre aplaudiu as acções do grande príncipe.

Hamsha não gostou da revelação de Goròn.

— Quantos filhos tem Hymadher?

O aleck fungou.

— Nenhum. Os únicos que importarão são os que ele plantar no teu ventre. E ambos sabemos que isso nunca irá acontecer. Os filhos que ele terá tido com imperatrizes e rainhas serão bastardos, e os que ele presumivelmente terá com uma escrava serão legítimos. Os deuses não são irónicos? Malgrado para Welçantiah, Hymadher perdera entretanto poder no sul quando os wraskis, tribos sanguinárias, reclamaram o Baixo Jaguar e pilharam Okti, Nakora, Toll e Sil no delta, e Marea a leste. Mulheres e crianças welçantianas que lá se tinham fixado foram violadas e assassinadas, grandes ídolos de arenito e basalto tombaram, os castelos foram abordados por espigões de ferro e escadas de assalto, e vários povoados jaguares foram transformados em alimento para o fogo. Importantes pólos de comércio no Golfo de Iava foram passados pelo archote e pela lâmina, o que se traduziu em prejuízos avultadíssimos para o Tesouro. Nem os nossos evoluídos armamentos travaram a fúria daqueles tribais. Como é óbvio, Hymadher não esteve lá. Depois de ser coroado, raras foram as vezes em que desceu Lábios de Salamandra. Temos alianças com alguns povos, temos Miseria e Manticora sob a nossa égide, mas o meu pai conquistou todas as Terras Quentes, e o meu irmão perdeu toda a nossa primazia. Em Terra Parda, tivemos Somoros, Hyldegard e Tori a nossos pés, jurando-nos vassalagem. Éramos uma vinheta de poder. Hoje, somos simples aliados.

## DEZ

*Snitt-Woles*

**T**INHA os sentidos embotados pelos sons, pelos odores e pelo cansaço. Mysee Tyttertop corria pelo adarve da muralha, partilhando as ordens dos superiores e procurando munições para o seu mosquete. Em resposta, recebia pragas e silêncio de homens sujos de rostos mascarrados por tormento negro. Era um mero novato e os homens não lhe davam grande crédito, embora registassem as ordens que ele trazia, provenientes de lábios mais notáveis.

Haviam chegado dos desertos há não mais de quinze horas, mas Tyttertop não tivera mais de duas para descansar. Quando acordara, ouvira os gritos dos moribundos, o clamor das armas e os rugidos da pedra a tremer com o impacto das bombardas, e ouvia o som ritmado dos bombos mahlan, feitos de peles franzidas e orladas de aço fundido.

*Os deuses estão tristes*, disse para si mesmo quando finalmente encontrou um cartucho de tormento negro aplicável ao seu mosquete. O ombro doía-lhe terrivelmente. Pensou nos homens que estariam no terreno. Homens como Lee Aymer. Homens como Hill Donah. Nessa manhã, o comandante acordara febril, e precisara de o ajudar a vestir roupa lavada de fresco e a ajustar-lhe as grevas. Depois ele mandara-o embora, porque o seu lugar era na muralha.

— Quero participar — disse a Vruinen, o primeiro intendente que se tornara subitamente o comandante em exercício na muralha.

— Ainda não estás bom do ombro, miúdo. Neste momento, preciso mais das tuas pernas que dos teus dedos. Vai ao poço buscar mais água fresca. Estes patifes estão sedentos.

— Estou em condições de apontar e disparar. Sabe que sou bom nisto. Tem pessoas para proceder a essas tarefas.

Herlast Vruinen era um hyldegardiano baixo e atarracado, mas a sua voz era imperial e os olhos sulcados de olheiras lilases não davam permissão para rebates. Tytterttop engoliu o orgulho e preferiu deixar o seu êxito nos desertos para depois. O homem apontou o mosquete para leste e esperou que ele se afastasse.

— Faz-me um favor e recorda-me de que te recusaste a cumprir uma ordem minha.

— Eu não me... — disse Tytterttop, mas não concluiu a frase.

— O que quer isso dizer?

Vruinen esboçou uma careta.

— Estás por tua conta e risco. Põe um miúdo qualquer a fazer o que te pedi e arranja espaço para ti na muralha. Se te ferires, não perderei mais um homem em teu auxílio. Para todos os efeitos, recusaste-te a cumprir uma ordem minha.

O jovem encolheu os ombros, sem esperar dele mais alguma palavra. Fez o que lhe fora indicado, uma vez que não havia ali nada mais que pudesse tirar de proveitoso. Os seus cabelos lilases estavam colados ao rosto com o suor. Sentiu as dores no ombro a latejar quando viu uma seta proveniente de nenhures a internar-se na garganta de um mosqueteiro, que ampliou imenso os olhos antes de cair para trás como uma peça de dominó. Sangue negro galgou-lhe da garganta enquanto uma tempestade de pedras fazia estremecer a plataforma.

Lançou o olhar por sobre o merlão da muralha, entre dois homens que traziam capacetes de aço à cabeça, orlados por aros de veludo que lhes caíam numa longa trança púrpura sobre as costas. Sentiu-lhes os odores nauseabundos a suor, urina e dejectos.

Na muralha, não havia tempo para satisfazer necessidades em privado. Não havia margem para qualquer futilidade.

Uma densa forra de areia esvoaçante cobria o deserto. Os homens permaneciam de semblante austero, com os olhos postos no horizonte, o cheiro do fogo e do azeite a arder. Compridos archotes alumiam-lhes a visão na noite escura.

Snitt-Woles era uma muralha com mais de cinquenta metros de altura e talvez cinco mil de comprimento. Em cada uma das suas extremidades ficava uma altíssima torre. Eram duas construções isoladas uma da outra, unidas por aquela longa muralha que separava Terra Parda do tormentoso Deserto de Ossos. A grande torre setentrional, em forma de cilindro, era chamada de Torre Suárez, uma homenagem ao braço direito do general Snitt-Woles. Tinha cinco altos torreões brancos, sendo que quatro deles rodeavam um outro, mais delgado e elevado, em cujo átrio cimeiro despontava uma torre de menagem com cinco bandeiras nas ameias. Por sua vez, a fortificação a sul era uma bastilha de quatro torreões, chamada de Velho Alcácer pela antiguidade da pedra que a constituía.

A megalítica muralha que unia as torres era um bloco maciço de pedra, fendido pelo embate de rochas. Qualquer uma daquelas pedras poderia enumerar um sem número de narrativas, todas elas negras e relativas a mortes, combates violentos, cabeças amputadas e rios de sangue. Possuía três grandes portões metálicos e rectangulares com os vértices reforçados de tábuas. Havia um portão ao centro e os dois restantes estavam divididos, um para norte e outro para sul. Esses portões poderiam ser descidos e levantados, exercendo assim o papel de pontes levadiças, sobrepondo-se ao profundo fosso que os separava.

— Atenção, carregar! — gritava uma voz distante que podia muito bem pertencer a Vruinen.

A névoa dissipava-se lentamente, e os homens no topo da muralha avistavam uma nova investida mahlan. Centenas. Não. Mil. Sete mil, que se perdiam pelo horizonte. Batiam com as espadas nos escudos, acompanhados pelas batidas dos tambores.

Estavam guarnecidos de armaduras de cobre e emitiam urros e guinchos de guerra.

O imenso mar mahlan avançou para a muralha a grande velocidade, como a dobra de uma cama a ser puxada para cima. A sua velocidade era incrível, mesmo a caminhar sobre areia. Seguravam tochas que lhes iluminavam o caminho, embora essa não fosse a sua única utilidade. Também as utilizariam em combate. As armas, de forma geral, eram machados de guerra com duplo gume, lanças pontiagudas, espadas curvas de ferro ou toscas de bronze, malhos e pilos. As armas de grande porte pareciam cada vez mais sofisticadas.

Já há muitos anos que usavam corpulentos aríetes, muito embora as providências da Liga Parda lhes retirassem qualquer utilidade, uma vez que poucas eram as ocasiões em que os mahlan se conseguiam aproximar dos portões. O novo ano, porém, trouxera com ele o uso de lança-pedras como trabucos ou catapultas. Usavam camelos para erguer os contrapesos de ferro, grandes braços de madeira eram aplicados em orientações estratégicas e sistemas de roldanas puxadas por mãos viris colocavam-nos em posição de disparo. Um processo complexo que revelava, só por si, a sua sofisticação. A combinação da madeira, do ferro e da pedra era uma das inovações mahlan, e esta nova empresa valera sérios reveses à defesa da Liga Parda. Ninguém sabia muito bem explicar de onde lhes vinham os recursos.

Tyttertop engoliu em seco e viu que a sua ajuda ali seria de pouca monta, uma vez que a ala setentrional da muralha estava a passar por dificuldades bem maiores. Passou por arqueiros e besteiros. Os arqueiros embeberam as suas flechas em óleo, passaram-nas pelos archotes e transformaram-nas em autênticas tochas áureas, que apontaram aos céus. Os besteiros posicionaram as bestas guarnecidas de quadrelos revestidos a couro, enquanto alguns ainda limpavam e oleavam os mecanismos das armas. Os mosqueteiros carregavam os seus mosquetes e colocavam-nos em guarda.

— Atenção! Aguardar! Em posição! — gritou um intendente. O homem ergueu o braço direito, olhou para os homens e, finalmente, arremessou-o para a frente. — Arqueiros, besteiros! Encaixar, puxar, largar.

E então, um silvar crescente fez-se ouvir. Os olhos inquiridores de Tyttertóp avistaram o ar a encher-se de flechas flamejantes. Perpassavam pelos flocos de areia esvoaçante e enterravam-se em armaduras, trespassando penas, pele e carne. Ouviam-se os guinchos descomunais dos mahlan atingidos, transformando-se em labaredas vivas e em cadáveres carbonizados. No entanto, várias eram as flechas que se ficavam pelo solo provocando não mais do que pequenos incêndios. Apesar do sucesso da salva de flechas, poucas foram as baixas verificadas na horda mahlan.

— Filhos de uma bruta rameira, estes kaff — cuspiu um arqueiro de rosto curtido.

No entanto, os inimigos continuaram a correr na direcção da muralha. Quando já estavam relativamente próximos, o intendente murmurou algo ao ouvido do seu imediato, e depois vociferou:

— Mosqueteiros! Agora!

O som de tiros dominou o ambiente. Os mosqueteiros eram arremessados para trás pelo impacto dos seus disparos, clarões rasgavam os céus, balas voavam e o fumo do tormento negro espalhava-se em seu redor. Tyttertóp estava entre eles.

Mas algo surpreendeu-os. Criaturas aladas rasgaram os céus na sua direcção, e se ao longe pareciam aves de bicos pontiagudos cobertas de penas negras, com a sua proximidade conseguiram distinguir os crânios alongados em forma de crista, e dos bicos abertos podiam ver-se mandíbulas proeminentes de dentes pontiagudos. As patas eram análogas às garras afiadas de um falcão, mas com uma substancial diferença de tamanho. Cada uma das suas garras media um metro de comprimento, proporcionais aos seis metros da criatura. Os olhos revelavam nas íris e pupilas facetadas grandes semelhanças aos dos

## ONZE

*Welçantiah*

**S***É discreta.* As palavras azedas de Ameril Goròn ainda ecoavam aos seus ouvidos quando desceu para jantar. Um séquito de aias procurava acompanhar os seus passos rápidos, mas Hamsha era um torvelinho e estava de coração quente. Atravessou um portal pejado de unicórnios empinados e motivos florais em alto-relevo e aproximou-se da balaustrada em ouro maciço que lhe dava uma visão privilegiada sobre o salão de banquetes.

— Sua Graça, esperam-na para o jantar — sussurrou Stelbun Odd-Mai à frente de meia dúzia de escravos. Ocultou o olhar viperino ao dobrar-se numa mesura exagerada.

Hamsha assentiu com aparente desinteresse e alisou com os dedos o despretenhoso vestido azul que envergava, orlado por rosas tecidas em cetim. Reflectiu na proposta do seu cunhado enquanto descia a escadaria, com aias e escravos atrás de si. A sete passos do fim, experimentou uma súbita sensação de vertigem e fechou um punho na cornija de um balaústre. *Estandartes vermelhos*, disse para si própria. Reposteiros vermelhos a cobrir os recantos do salão. Vermelhos como sangue.

Não ouviu ninguém a perguntar-lhe se estava bem, mas ela sabia que tinham perguntado. Inalou o intenso odor a cera que brotava das coroas de luzes que salpicavam o tecto

e endireitou-se, descendo o remanescente dos degraus. Um hurkk anunciou a sua chegada e alguns escravos de aspecto velho e macilento começaram a tocar languidamente flautas de bambu, num sofá ao canto do salão.

À volta das mesas sentavam-se dezenas de comensais: vestiam conjuntos opulentos de tecidos finos de muitas cores, com aplicações em prata e marfim, exalando agradáveis odores de perfumes caros e refinados e usando jóias esplêndidas, braceletes de ouro e de prata, coroas de braços de várias voltas, pedrarias, presilhas encarnadas, tachas dos mais belos materiais, cadeias de ouro e medalhões de prata.

Numa das mesas, executando gestos graciosos de uma mulher bem-nascida e emitindo indiscretas gargalhadas, estava Berínia Amara, vulgarmente conhecida como a Sereníssima, um título que lhe fora conferido pelo rei Ameril Ozilliar. A voz de Amara saía sempre por cima das restantes, e Hamsha odiava a maneira como ela se adorava vangloriar. O seu corpo era conservado por múltiplos tratamentos de pele, mas na sua alvura láctea discerniam-se algumas rugas que teimavam em prevalecer. Mulher alta com uma cascata de cabelos louros a cair-lhe pelos ombros, possuía um rosto estreito e aprazível, com um nariz um tanto longo e um par de olhos que cintilava de azul. Saltavam à vista na sua figura as ágatas e safiras encastoadas na sua fulgurante gargantilha multicolor e um par de brincos opulentos cravejados de rubis. No entanto, a grande maioria dos olhares recaía na sua belíssima estola amarela de seda transparente, na qual destacava-se um convidativo colo sardento.

Ladeavam-na várias jovens formosas e esguias, com espampanantes estolas drapeadas de várias cores e longas e onduladas cabeleiras. Seriam as suas filhas e parentes, e havia também alguns homens de togas, com capas frisadas ou vestidos a couro estofado. As más-línguas identificavam-nos como seus amantes e não estariam muito longe da verdade.

Num posto elevado ficava a mesa do rei. Era comprida e coberta por uma toalha de linho tecido a ouro, por sua vez

sobreposta por uma vasta colecção de pratas que continham ananases, bananas miserianas, maçãs bravas e cachos de uvas. Potes em bronze albergavam molhos picantes de haggash e longas salvas douradas exibiam abundantes aperitivos: iguarias das Terras Quentes como torrada de salpicão, torrões de açúcar queimado, tostas wush com manteiga de amendoim, baixel de azeitonas, bolinhas de camarão vermelho e frutas caramelizadas. As bebidas eram servidas em jarras coloridas de colo alto em vidro esmaltado a verde e vermelho.

A única pessoa que Hamsha não desprezava nem odiava no meio de toda aquela gente era aquele que estava sentado ao centro da mesa real. Aquele que agora planeava assassinar. Todos cochichavam e petiscavam os acepipes pré-refeição, e Hymadher não era excepção. Envergando uma túnica de linho branco com um peitoral de ouro trabalhado em forma de unicórnio, mordiscava azeitonas e discutia informalmente com os conselheiros mais próximos como salvar guardar as muralhas da Liga Parda depois da atitude desagradável de Dyekken Jacoh. Em pé à sua direita, um provador experimentava cada iguaria antes que ele a tomasse, o que se revelava de algum modo entediante para o rei. Escravos giravam à sua volta, prontos para qualquer eventualidade ou necessidade do seu senhor, às ordens do deel. Mool e Dane estavam sentados numa mesa à parte, não muito distante.

Ao contrário dos demais, que se sentavam em trabalhados cadeirões de aço com braços de forma cilíndrica, a cátedra onde estava o rei era enorme e elaborada. As costas do assento eram feitas de vitrais, desenhando um padrão de círculos vermelhos, e acima da sua cabeça, o cadeirão era dosselado por um tampo de aço, cujas extremidades eram feitas de tábuas pintadas de vermelho, recortadas em apontamentos ondulantes. Um duplo reposteiro de veludo carmesim poderia fechar-se, ocultando as suas laterais, mas Hymadher mandara abri-lo.

Torcendo os lábios, Hamsha pensou que para acabar com Hymadher, bastava arranjar uma forma de aliviar os

rebites que prendiam o dossel às costas envidraçadas; ou simplesmente provocar um acidente que partisse o vitral e fizesse os seus cacos atingirem em cheio o rei. Não que isso resultasse garantidamente. Um súbito arrepio subiu-lhe pela espinha. *Por que raio um rei teria o assento mais desconfortável de todos?* Nem sequer se poderia chegar comodamente para trás. *Tradições.* Já pensara nessa questão em muitos outros jantares ao longo desses treze anos na corte. Nunca com a intenção desse dia.

O lugar de honra ao lado esquerdo do rei estava vazio, e ela sabia que a esperava. Quando, elegantemente, passou por todos e se sentou, esperou que a sua presença fosse notada ou que alguém reparasse no seu novo vestido, mas ninguém sequer ousou colocar-lhe os olhos em cima. Hamsha já estava habituada àquele desdém gratuito. Todos a viam como a antiga escrava que subira ao trono, embora não o verbalizassem à sua frente. Só não esperava que um dos conselheiros que discutia com Hymadher, com um amargo hálito a vinho, lhe pusesse uma mão no ventre para a afastar da sua linha de visão. Ela abriu muito os olhos com a audácia e só quando Hymadher e os que estavam a seu lado se silenciaram, o indivíduo soube que fora longe demais. Não fosse o seu elevado estatuto, certamente ficaria sem mão, ou sem cabeça.

Perdões requeridos e deferidos, Hamsha chegou-se para a frente, e ao precipitar-se para um frito em forma de camarão, percebeu que, afinal, não era tão ignorada quanto pensava. Na extremidade da mesa, Goròn olhava lascivo para o seu decote, com uma expressão sombria no rosto. Dispensara a mitra e o manto, próprios da sua condição de aleck, e agora envergava uma túnica aberta, castanha, designada para a refeição. Embora nesse momento o seu íntimo abominasse aquele homem, Hamsha sabia que ele podia ser-lhe muito útil e, de certo modo, agradava-lhe que pelo menos alguém naquela mesa se interessasse por ela. Com uma nota de provocação, reconfortou-se calmamente para trás, no momento em que

uma fila de escravos chegou com a refeição principal: guisado de galo. Quando lhe foi servido o vinho, Hamsha demorou-se a fitá-lo. À luz das luzes, o vinho que bailava no seu cálice ganhava uma sinistra cor vermelho-escura.

*Cor de sangue.*

— O que pretende fazer com o prisioneiro? — perguntou Joh Cary, um velho conselheiro com molho de orégãos pretos a pingar-lhe do queixo. Referia-se a Adilar, e aguardava a resposta com os olhos presos no rei.

— Sabe que deve ser levado ao Tribunal de Misera — retrucou Vax Mohill, que limpava os cantos da sua boca com um guardanapo bordado. Três outros conselheiros mostraram-se imediatamente de acordo.

Os sacerdotes do Templo de Misera eram extremamente cruéis nas penas infligidas. Roubar um pão ao padeiro implicaria cortar as mãos ao infractor, mesmo que o móbil desse acto fosse matar a fome a uma criança. Ofender um nobre, por exemplo, era sancionado com decapitação. As penas de morte nunca eram executadas em praça pública, pois os métodos poderiam ser selváticos e o Templo tinha uma imagem de rectidão a passar. Todavia, a sua atrocidade era lendária, boatos reproduziam-se por toda a fortaleza sobre o que se fazia no Templo. Hamsha, que odiava os olhares traiçoeiros de sacerdotes como Fro Carmez ou Fro Lori, julgava que a verdadeira intenção dos julgamentos era gerar esses rumores aterradores. Sentia-se satisfeita por todos aqueles sacerdotes passarem a maior parte do tempo em clausura, ora no grande Templo, ora nos Arquivos, onde se demoravam em cópias, a catalogar volumes ou a examinar rolos de pergaminho. Eram pessoas hediondas.

Antes de proferir fosse o que fosse, Hymadher terminou de mastigar uma febra do peito de galo.

— Meus senhores, esses assuntos não devem ser debatidos à mesa, e penso que já fomos demasiado longe neste tema. Irei convocar um conselho para o discutir, mas como é

meu apanágio, já terei uma ideia formada quando a discussão for levada para a mesa conselheira.

— Ou seja — interveio Fel Manny, que estava sentado dois lugares à sua direita com um grande pano bordado a servir-lhe de babete. — Assim que entrarmos no conselho, Vossa Alteza já terá a decisão tomada.

Os restantes omitiram uma risada e Hymadher sorriu. Goròn disse algo ao ouvido de Alvar Jusè, o conselheiro de toga qush a seu lado, e pouco depois o mesmo sugeriu:

— Julgo que seja urgente levar aquele el'ak a julgamento.

— Tenhamos calma — reiterou Hymadher, mas foi subitamente interrompido.

— A Constituição é explícita! — interceptou Goròn com um tom intencional. — Se é feito um prisioneiro por ofensa à Espada, ele tem de ser entregue às mãos de Misera para que seja aberto um inquérito.

— Não se eu solicitar uma Assembleia — volveu Hymadher, com a voz a passar por cima dos comentários dos demais, e o seu olhar amargo preso no do seu irmão e aleck, Ameril Goròn.

A sua determinação calou todos na mesa.

— Meu amo — atreveu-se Vax Mohill —, convocar uma Assembleia demoraria uma semana, só em selos, convocatórias, preparar a Sala dos Mil Assentos, e duvido que a maioria dos cônsules e deputados não esteja de acordo em entregar o caso a Misera. A lei o dita, meu senhor. Para se encarregar do prisioneiro, necessitará de um selo do Templo, e neste caso...

— Meu caro Mohill... — Hymadher cerrou os olhos e voltou a abri-los, depois de pousar um cálice com vinho no tampo da mesa. — Tenho a informá-lo que nesta Espada, a lei sou eu. — Durante dois segundos, fez-se silêncio e os conselheiros viraram as cabeças para os respectivos pratos. — O Templo de Misera arranja facilmente muitos casos para julgar. E despacha-os com a rapidez de uma espada sobre um pescoço. Que rei sou eu se não tenho capacidade para julgar um caso em que me acho no direito para tal? Morreram três hurkk,

meus senhores. Três hurkk. Devo ficar quieto, esperando que os sacerdotes cortem a cabeça ao el'ak?

— Não foi isso que Jacoh fez aos seus hurkk, senhor? Nossa Amável nos salve! — disse Agnim Wilfred-Hunther.

— Cada vez que evoca os deuses, Wilfred-Hunther, fico com a sensação de que me está a subestimar — confessou Hymadher, mas não teve tempo para resposta.

— Enviaremos a cabeça do el'ak a Torre das Harpas, senhor — sugeriu Cary, e os restantes pareceram solidários com a ideia. Hymadher apressou-se em refutá-la.

— E despoletar uma onda de violência que culminará em guerra? Não pretendo enfurecer ainda mais Jacoh. Já tenho guerras suficientes com que me preocupar. Suas Graças, o unicórnio só tem um corno. E neste momento, ele está voltado para o Deserto de Ossos.

— Resumindo — interveio novamente Goròn —, deixamos Jacoh a cantar vitória.

— Sim — disse Hymadher, com firmeza na voz. — Deixemo-lo cantar vitória. Deixemo-lo achar que nos resignamos à sua mensagem. Essa sensação durará pouco tempo. Depois virá o medo. O medo do que estaremos a preparar como retaliação. A demora sugere planos trabalhados. Depois, quando o tempo passar, virá a sensação de desprezo. Sentir que o desprezamos irá acabar lentamente com Dyekken Jacoh. A sua mensagem não terá sido assim tão importante.

Ninguém concordava consigo, e foi Manny a dar voz à revolta.

— Não, meu amo. Permita-me discordar de Sua Alteza, mas o senhor não tem ouvido os meus conselhos e não se tem dado particularmente bem com isso. Oiça-me por uma vez. Jacoh irá achar que você... sim, você, que o viu um dia como um irmão, irá achar que você o teme. Você conhece-o, sabe tão bem como nós o gabarolas que ele é, irá clamar aos ventos que Vossa Excelência não teve... túbaros para o enfrentar. — Pigarreou e limpou a sua boca com um guardanapo. — Perdoe-me a

## DOZE

*Hyldegard*

**S**ELENYA chorou, soluçou e sentiu o nariz entupido. Os dias passavam-se e Ezzila parecia cada vez mais cansada e triste. Triste por estar remetida ao palácio. Quando saía, as pessoas olhavam-lhe de soslaio, e já não lhe lançavam os olhares apaixonados e benevolentes de antes, mas expressões de indiferença, relances carregados de dúvida e de ressentimento. Respeitavam-na, muitos até a amavam verdadeiramente, mas já não eram tantos como outrora, havia os que a temiam e havia ainda os que a odiavam. Fosse como fosse, ela sentia-se mais segura entre quatro paredes, mesmo que estivesse cansada de viver enclausurada. Cansada de viver ao lado de um homem tão mesquinho como Riotto Amarion.

A relação entre Ezzila e a aia Selenya tinha os seus altos e baixos, mas nunca a rainha fora tão fria com ela como nos dias que se viviam. Selenya cumpria regradamente a sua função, tão subtilmente quanto podia. Se conseguisse realizar as suas tarefas sem que ninguém notasse nela, agradeceria aos deuses.

— Onde está Skygga? — perguntou a rainha, metida dentro dos seus lençóis cheios de folhos, com uma voz particularmente débil.

— Markkos levou-a para comer, minha senhora.

Porém, o tigre-dentes-de-sabre não voltou. O tratador dos animais disse que o felino o tentou atacar e Riotto Amarion

deu a ordem para que colocassem Skygga numa jaula. Selenya esperava que Ezzila praguejasse, que gritasse aos ventos que era ela a rainha, que o seu animal de estimação estava domesticado e nunca fizera mal a ninguém, a não ser que atentassem contra ele ou contra a sua própria vida. Mas não. A rainha fechou os olhos, sem ânimo, e adormeceu. Selenya chorou e soluçou. Por Skygga, por Ezzila, pelo pequeno Hzora, pelo estado em que estava a vida no Palácio de Alabastro.

A menina procurou o lorde camareiro num dia em que Ezzila parecia completamente apática. Esperou que ele a pudesse ajudar, ainda que não fosse um homem de trato fácil. Desceu à Sala do Trono com a convicção de que encontraria Amarion. Afinal, ele passava a vida a bajular aquele cadeirão. Quando lá chegou, porém, deparou-se com duas serviçais lustrando os pés ao trono, e não havia nem um sinal do cioso lorde camareiro.

O Trono do Tigre erguia-se sombrio e medonho; parecia que um gigantesco felino dominava aquele salão. Estava cercado por pilhas de livros antigos e enormes, e nunca lhe parecera tão sombrio. Partículas de ouro choviam dos tectos, mesclando-se com o pó de papel que manava dos livros e criando uma ilusão mística provocada pelo brilho dos vitrais.

Selenya lembrava-se bem dos tempos áureos de Hyldegard, quando Maskean Olegos ali se sentava e as multidões o veneravam. Era um rei grande e musculado, com um olhar vivo e expressivo, rugas de expressão em redor de um sorriso bem-humorado e um queixo largo e rectangular coberto de barba. *Os reis são o que o povo faz deles*, ouvira-o um dia dizer na sua voz estridente.

Fora um rei em tudo magnânimo. Lágrimas correram pelos olhos frágeis da jovem aia. Olegos estava morto, Ezzila já não era amada e estava cada vez mais débil, e para piorar a situação, estava zangada consigo. Selenya temia que uma catástrofe caísse sobre Hyldegard, que a Coroa do Tigre fosse contestada e quisessem arrancar Lazard Ezzila do trono, mas,

mais do que isso, temia que Ezzila a renegasse. Pedia aos deuses que nenhum desses infortúnios tombasse sobre a sua cabeça.

Quando ouviu as passadas apressadas do jovem Hzora a entrar pelo salão seguido pelo seu séquito, uma miscelânea de amas que tomavam conta de todos os seus passos e um corpo de escravos que funcionavam como guarda-costas, Selenya virou costas ao trono e caminhou para fora da sala. A rainha permaneceu inerte e desinteressada, mas não será Amarion a ajudá-la. Pensar nisso fora de uma extrema imprudência. Por um lado, chamar o lorde camareiro poderia fazer Ezzila sair do seu estado letárgico, mas estava ciente de que Amarion certamente se iria aproveitar da debilidade da rainha em seu proveito.

Lá fora, um violento relâmpago ribombou pela montanha, e no interior do palácio estremeceram cerâmicas, estremeceram castiçais e estremeceu Selenya. Velas extinguiram-se.

Foi nesse momento que ele apareceu ao fundo da Sala da Luz. A estátua frígida de Maskean Domeros II viu-o, o olhar policromo do rei Omeros viu-o, e quando um novo clarão irrompeu pelos vitrais, também os olhares crispados dos Reis Clérigos se electrizaram perante a sua presença numa fantástica pintura que ocupava toda uma parede. Os semblantes daqueles antigos senhores, pregueados de esforço, estudavam-se um ao outro num cenário de guerra, banhados num mar de sangue e de corpos, como se estivessem perto de um combate pessoal sem paralelo.

Uma linha de suor cruzou o rosto da jovem aia. Riotta Amarion era um homem de intelecto poderoso, sombrio, voraz, oportunista, exagerado e metia-lhe medo. No entanto, Selenya testemunhara o bem que ele fizera ao povo. Imprimira um ritmo insaciável ao trabalho nos campos e as suas políticas acabaram por prejudicar mais os fidalgos e a nobreza do que propriamente o povo, que foi salvo de morrer à fome. Os nobres respeitavam-no. Os populares idolatravam-no.

— Assustada? — perguntou-lhe ao longe, talvez percebendo o estado trémulo em que a sua presença deixara a rapariga.

A jovem titubeou e fingiu não ter percebido a pergunta, continuando a caminhar, pedindo aos deuses que o caminho que a levava a cruzar-se com o lorde camareiro se revelasse rápido e curto, e que em breve pudesse ver a Sala da Luz para trás das costas. Quando passou junto a Amarion, no entanto, o enorme homem agarrou-lhe pelo pulso como um torno, o que a fez soltar um grito aterrorizado. O braço ergueu-se e o lorde camareiro voltou a soltá-lo, o tempo suficiente para emitir uma gargalhada.

Vermelha de vergonha, Selenya virou vagarosamente o rosto para o homem.

— Meu... meu senhor?

— Meto-te medo, putinha? — A rapariga estremeceu e encolheu-se instintivamente, quando Amarion a pegou pelos ombros e a voltou para a enorme pintura dos Reis Clérigos. — Então devias ver isto. Lembras-te da história de Ignasta? De como ela causou a perdição da sua família por puro capricho?

Eram os dois cavaleiros com as armas de Welçantiah e Hyldegard em riste. Um era Hengeld, o outro Owenn. A pintura era alegórica, uma vez que eram dois homens velhos quando os seus exércitos se enfrentaram. Havia forjado uma aliança proveitosa para as duas espadas, até ao dia em que a filha de Owenn, Ignasta, recusou casar-se com Hengeld, o que despoletou uma série de conflitos políticos que culminaram na célebre Segunda Guerra Rubra. Hengeld não gostou da desdenha e insultou a princesa. Owenn não gostou dos insultos e pôs a descoberto os podres de Hengeld. Estalou uma guerra entre as duas espadas, uma ferida grave que ainda não parecia estar completamente cicatrizada.

Um ano após o início da guerra, Gane Pail, general de Owenn, conseguira passar pelos portões do Lumiar com o seu exército. Os soldados de Hyldegard foram completamente chacinados e Pail aprisionou Hengeld, segundo diziam, obrigando-o a pedir perdão pelas barbaridades que saíram da

## TREZE

*Welçantiah*

**D**UAS figuras ocultas por longas túnicas de capuzes compridos desceram um lanço de degraus de calçada, seguindo um trilho sinuoso flanqueado por botequins pouco recomendáveis e alguns prostíbulos nada discretos. As paredes de alvenaria que transformavam a velha Welçantiah numa teia enredada de ruelas e becos sombrios eram um exemplo daquilo em que se havia transformado aquela zona clássica nas últimas décadas. Algumas das paredes estavam desgastadas, viam-se buracos nas camadas de estuque e as fundações saltavam à vista. Nelas, observavam-se pictogramas obscenos, fruto da imaginação decrepita dos pobres de alma que por ali vagueavam e dos jovens chistosos que ali rumavam apenas para se divertirem, mas que provavelmente nem teriam audácia para entrar naquelas casas. A Ruína de Welçantiah, como também era chamada a zona, era um tributo à decadência e à promiscuidade.

Havia prostitutas de rua, revelando as pernas assim que vislumbravam um potencial cliente, e outras que das janelas abertas dos prostíbulos acenavam de peito nu, trocando risadinhas e competindo pela freguesia, embora nem todas fossem particularmente bonitas. Artesãos, amoladores de facas, carpinteiros e pedreiros cumpriam regradamente as suas funções. Camponeses menos abonados pagavam as suas despesas em discos welçantianos, as moedas de bronze, ou em géneros, enquanto algumas

dezenas de mendigos estendiam as mãos na expectativa de um dia ganho sem levantar o traseiro do chão.

— Costumas frequentar a Ruína, meu velho? — indagou Hymadher com um tom malicioso na voz.

— Apenas quando é estritamente necessário — respondeu Fel Manny. E mais não disse.

— E no entanto — prosseguiu o rei —, pareces conhecer estas ruelas como a palma das tuas mãos.

Manny soltou um esgar de desagrado e parou subitamente a sua marcha, assim que dobraram uma viela quase deserta.

— Diga-me, senhor... — Passou com os olhos à sua volta, pois sabia que a Ruína tinha buracos, e em todos eles se escondiam ratos, tão bons ouvintes como aqueles que consigo coabitavam no palácio. Baixou o tom de voz. — Acha ponderada esta atitude? Não seria bem mais sensato recrutar os melhores homens das suas fileiras e levá-los numa demanda para as Cordilheiras Bravas? Os homens que quer recrutar, ou a sombra do que foram...

Hymadher levou-lhe uma mão ao braço e olhou por cima de um ombro, esperando que uma figura encapuzada e encurvada desse seguimento ao seu trilho com um carrinho de mão enferrujado pelos dedos. Quando voltou o olhar para Manny, esperavam-no dois olhos apreensivos e uma testa franzida de preocupação.

— Os melhores homens das minhas fileiras — sussurrou, enquanto retomavam a caminhada —, estão em Snitt-Woles, Raos e Myok. Quero campeões, daqueles que estão afastados do exército há anos, ou até mesmo que nunca o tenham integrado. Eu não conheço os homens que frequentam a Ruína. Tu conheces.

— Conheço, mas não confio neles. E você confia nesses homens para a tarefa? — Manny continuava relutante.

— A tarefa não exige confiança neles. Apenas bravura. O único homem em quem preciso de confiar é naquele que liderará a campanha. Esse, escolho-o pessoalmente.

— Então, se Vossa Alteza mo permite, mantenha-se quieto e calado. O homem capaz de lhe arranjar esses homens está há muito marginalizado dos interesses do rei e da Alta Espada do Único Corno. É um tipo amaldiçoado, duvido que tenha gosto em conhecê-lo, senhor.

Hymadher soergueu uma sobranceira.

— Manny, tu às vezes assustas-me.

— Duvido que tenha gosto em conhecê-lo — repetiu.

— Meu velho, tens de fazer sempre isto, não tens?

— Alertá-lo? — perguntou, espirituoso.

— Assustar-me.

Fel Manny sorriu.

— É claro que sim.

Viraram à esquerda e depois à direita. A Ruína de Welçantiah era parcamente iluminada por tochas nas paredes, e para além dos conspurcados negócios de lazer e de ócio, havia ali também bazares, oficinas e ateliês, e pequenas lojas de comércio decerto pouco lícito. Ao fundo de um beco escuro, Manny fechou a mão metálica e deu dois murros fortes numa porta fechada a ferrolho. Quando ouviram o ferrolho a deslizar, os dois indivíduos puxaram os capuzes para a frente, ocultando-se ao máximo. Abriu-se um rasgo na porta e um facho de luz cegou os visitantes.

O interior era um comprido salão com paredes cheias de salitre e humidade, iluminado por tochas e lamparinas presas nos pilares que sustentavam o tecto. O homem que lhes abriu a porta era mirrado e velho, com um olho maior do que o outro e uma leve penugem branca a cobrir-lhe a cabeça rosácea de pele escamada; um aro de osso trabalhado estava-lhe preso ao nariz. Arrastava as pernas atrás de um cajado nodoso feito de osso, palmilhando o salão com prudência. Enquanto contornavam os coloridos divãs que rodeavam as mesas de jogo, a maioria ocupadas por homens de aspecto duvidoso, jogadores concentrados e pouco preocupados com as mais recentes visitas, o velho anfitrião abordava-os sobre a inesperada aparição.

— Preciso de um favor — disse Manny, num tom suave e discreto.

O velho fez girar a pulseira coberta de dados que lhe ornamentava o pulso direito e deteve-se repentinamente.

— Errado! Errado! Errado! — Os seus lábios estriados crispavam-se hostilmente e uma língua pálida saiu de entre eles com uma leve expressão de troça. — Todos precisam de um favor de Les. — Levou um dedo à cana do nariz e esfregou-a com afinco. Os olhos, muito argutos, abriram-se muito. — Alguns demoram mais tempo que outros a percebê-lo. — Fixou o olhar na bandeja com frutas que uma moça nua exibia enquanto deslizava por entre os espaços de jogo. Na verdade, a atenção do homem concentrou-se numa banana.

— A atenção não é propriamente para mim — adiantou Manny.

Les fez rolar os olhos e indicou com o cajado um canapé disponível ao fundo da sala, abrindo e mastigando a banana com uma ânsia demoníaca. Os dentes amarelos eram esguios e tortos, com exceção de um molar e de um incisivo de ouro.

Enquanto seguiam Les pelo grande salão de jogos, tiveram de se adaptar ao fumo excessivo que brotava dos cigarros dos jogadores, das lamparinas e das tochas acesas. Multiplicavam-se homens de aspecto grosseiro, alguns ocultos por longos capuzes, concentrados nos dados e nos ossos em cima das mesas entre os assentos. Quando o homem se sentou no canapé, Manny e Hymadher fizeram o mesmo de frente a ele. Les arremessou a casca da banana para trás do assento e palitou os dentes com uma unha.

— Muito bem, em que Les vos pode ser útil? — Manny e Hymadher entreolharam-se.

As pernas do indivíduo, esqueléticas e cheias de derrames, subiam e desciam, conforme Fel Manny lhe anunciava o favor de que carecia. O olhar de Les saltitava do imponente indivíduo para o rei. Ambos se mantinham encapuzados.

## CATORZE

*Snitt-Woles*

**O**S rosnidos tonitruantes do ooti vogavam sobre a muralha. Tyttertóp viu homens a baixarem-se e a levar as mãos à cabeça, tementes pela vida. Também ele se encolheu, muito embora o único efeito nocivo daquela aproximação tivesse sido o vento espalhado pelo bater de asas da criatura. Redes incrustadas de espinhos foram arremessadas contra ele, mas o ooti fizera uma aproximação tímida, planando em arco decrescente pela face exterior da muralha. Havia um mahlan a guiá-lo, e parecia conhecer bem os obstáculos que o poderiam travar. Uma fileira de bombardeiros posicionava os grandes canhões de metal a oeste, e mesmo os espigões afiados das redes poderiam ser fatais caso se internassem numa zona mole do corpo ou lhe provocassem um desequilíbrio.

Tyttertóp perguntara-se, em tempos, por que razão os ooti não se dirigiam aos céus e voavam a uma altura de segurança rumo ao coração de Terra Parda. Um oficial welçantiano garantira-lhe que os céus estavam protegidos pelos deuses brancos e que o Povo das Nuvens que os acolheram nunca aceitariam tais criaturas no seu ventre. A explicação era demasiado pobre e Tyttertóp não tão crédulo ao ponto de lhe dar crédito, mas parecia evidente que os ooti se recusavam a voar a grandes altitudes. *Deuses ou não, abençoo quem lhes ofereceu tais limitações*, disse a si mesmo quando viu o ooti a

afastar-se para longe. No merlão, dirigiu o mosquete para o exército inimigo, com os longos cabelos púrpura colados ao rosto pelo suor. Estremeceu ao sentir uma mão no ombro.

— Vruinen chamou-te ao seu comando — grunhiu um sujeito de nariz adunco.

Mysee Tytterttop sentiu o medo a devorar-lhe as entranhas no momento em que uma nova catapulta disparou um pedregulho na direcção da muralha. *Onde raios os mahlan arranjam tantas pedras no meio do deserto?*, inquiriu-se. O disparo incidira sobre a área já arruinada da muralha, tragando rochas seculares e criando um fosso entre as duas alas. Tytterttop acariciou a madeira suave do mosquete e afastou-se da ameia.

Vruinen limpava o suor do pescoço com uma toalha quando o encontrou. Tinha o olhar carregado de ódio e um rapaz a assessorará-lo.

— Mandou chamar-me?

O primeiro intendente apartou os lábios. Parecia querer dizer algo, mas por algum tempo limitou-se a exhibir a arcada dentária amarelecida pela falta de higiene. Após mirar o jovem de alto a baixo, disse:

— Revelaste-te um bom soldado, mosqueteiro. Mas recusaste-te a cumprir as minhas ordens. — Homens corriam à sua volta, exalando o perfume doentio do suor condensado por dias, gritando pragas e arrastando armas. — Estás dispensado dos meus serviços.

Tytterttop abriu muito os olhos. *O homem está louco?*

— Primeiro intendente, o comandante Powell garantiu que todos os homens capazes de pegar numa arma seriam imprescindíveis, e basta olhar à sua volta para perceber que...

— O comandante que se foda. Está desaparecido, provavelmente morto sob um escombro qualquer. A muralha é minha e eu decido o que quiser.

Vruinen avançou para ele com uma fúria ágil e Tytterttop temeu ser obrigado a enfrentá-lo. O homem, porém, limitou-se a segurar-lhe no mosquete com austeridade.

## QUINZE

*Welçantiah*

**O**S corredores internos da Arena de Ambersio gelavam. — Sois incorrigível — disse Berínia Amara antes de explodir numa risada.

Hymadher cruzou-se com ela quando subia para o camarote ao lado de Hamsha, na manhã do aanir. A matrona vinha de braço dado com Cliw Barahoon, cujo rosto encovado se crispava num sorriso pouco entusiasmado. Enquanto a mulher se evidenciava numa estola muito em voga, o sujeito vinha metido numa toga wisq de linho, branca e decorada com riscas púrpuras. As filhas de Amara seguiam-nos, trocando gracejos e risadinhas tímidas, enquanto o rei seguia com o seu séquito. Hamsha cerrou os dentes quando os viu.

— Sua Alteza. — Cliw Barahoon procedeu a uma mesura contrafeita, e Amara fez o mesmo, cheia de escárnio no olhar.

— Meu querido Hymadher — disse ela. — Desejo-lhe um espectáculo maravilhoso.

Hymadher assentiu com polidez.

— Vão já embora? Esperei contar com a vossa companhia. Amara trocou um olhar com Barahoon e encolheu os ombros, dissimulada.

— Muito calor, Sua Alteza. Se nos der permissão, voltaremos mais tarde.

— Com certeza, minha querida — respondeu Hymadher, com uma certa dose de sarcasmo. Barahoon apressou-se a avançar, mas Amara manteve-o no mesmo lugar e perguntou:

— Talvez mais tarde possamos partilhar algum licor? O que sugere, Excelência?

— Eu sou a última pessoa que você procuraria por um conselho sobre licores, minha querida. O que significa que você já provou de todos e sabe perfeitamente o que trazer. Espero por vós na tribuna. Até lá.

A Sereníssima procedeu a uma nova medida e retirou-se com um sorriso forçado. Hymadher registou o olhar hostil que Hamsha trocou com Barahoon. Há duas semanas que o príncipe de Hamm olhava daquela maneira para a sua esposa, e há duas semanas que era a companhia predilecta de Berínia Amara.

— O que aconteceu entre vós? — perguntou a Hamsha quando os dois indesejados convivas desapareceram de vista. A mulher encolheu os ombros, atirou o nariz para o céu e avançou. Hymadher acompanhou-lhe o passo com harmonia, mas não deixou a conversa para depois.

— O meu primo é intragável, sabeis que só o suporto por questões diplomáticas. O meu tio-avô e o bisavô dele eram irmãos, mas depois do meu antepassado o ter humilhado num concurso de desafios linguísticos, o bisavô dele viajou para Hamm com a esposa, filha de um fidalgo, e declarou-lhe guerra. Mais recentemente, quando o meu avô morreu, o meu pai teve de lutar pela coroa com os irmãos. Bowan, o pai de Barahoon, apoiou Jaapi contra o meu. Claro está, quando foi coroado, os Cliw foram novamente obrigados a ajoelhar-se diante dos Ameril.

— Já me contou essa história, meu querido esposo. Sei que não o suporta. Só não percebo porque é que permite que ele passe tantas temporadas no palácio, a portar-se como um anfitrião ofendido. Se quer saber, Barahoon ofereceu-se para ser meu amante e respondi-lhe com um murro. Foi isso que aconteceu, satisfeito? Chamou-me de cabra pelo menos cinco vezes antes de sair a correr pelos corredores a choramingar como um menino.

# ÍNDICE

LISTA DE PERSONAGENS .....	5
PRÓLOGO .....	15
UM.....	23
DOIS.....	31
TRÊS .....	43
QUATRO .....	53
CINCO.....	65
SEIS.....	80
SETE .....	91
OITO.....	99
NOVE.....	105
DEZ.....	115
ONZE.....	125
DOZE .....	137
TREZE .....	145
CATORZE .....	153
QUINZE .....	158
DEZASSEIS.....	164
DEZASSETE .....	170
DEZOITO.....	175
DEZANOVE .....	184
VINTE .....	194
VINTE E UM.....	203

VINTE E DOIS .....	211
VINTE E TRÊS .....	222
VINTE E QUATRO.....	230
VINTE E CINCO.....	235
VINTE E SEIS.....	238
VINTE E SETE .....	244
VINTE E OITO.....	251
VINTE E NOVE.....	260
TRINTA.....	264
TRINTA E UM .....	268
TRINTA E DOIS .....	281
TRINTA E TRÊS.....	287
TRINTA E QUATRO .....	299
TRINTA E CINCO .....	304
TRINTA E SEIS .....	311
TRINTA E SETE .....	314
TRINTA E OITO .....	321
TRINTA E NOVE .....	333
QUARENTA .....	340
QUARENTA E UM.....	347
QUARENTA E DOIS .....	358
QUARENTA E TRÊS .....	365
QUARENTA E QUATRO .....	371
QUARENTA E CINCO.....	377
QUARENTA E SEIS.....	384

QUARENTA E SETE .....	390
QUARENTA E OITO.....	397
QUARENTA E NOVE.....	403
CINQUENTA .....	410
CINQUENTA E UM.....	416
CINQUENTA E DOIS.....	426
CINQUENTA E TRÊS .....	435
EPÍLOGO .....	444